R B184,730

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/maximassobrearte00frei

MAXIMAS
SOBRE A
ARTE ORATORIA,

EXTRAHIDAS DAS DOUTRINAS
dos antigos Meſtres,

E ILLUSTRADAS

POR CANDIDO LUSITANO.

LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Franciſco Luiz Ameno.

MDCCLIX.

Com as licenças neceſſarias.

AO EXCEL. SENHOR

HENRIQUE JOSEPH MARIA

ADAM DE CARVALHO E MELLO

CANDIDO LUSITANO

Augura toda a profperidade.

O *Trabalho de proporcionar as Cartas Dedicatorias à materia dos Livros, e fazer com*

que a Obra ſeja decoroſa ao Patrono, e o Patrono à Obra, coſtuma ſer o mais delicado empenho dos judicioſos Eſcritores. Communmente he infeliz eſte trabalho, naõ encontrando a benigna approvaçaõ daquelles, que ſó louvaõ o que he perfeito.

Porém eu preſentemente eſtou livre de incorrer na cenſura deſta Critica judicioſa. Sahe a publico eſte Livro, e ſahe com a preciſa obrigaçaõ de ſer offerecido a V. Senhoria, porque o eſcrevi em obſequio dos ſeus eſtudos. Entrou V. Senhoria já em idade de ſe applicar à Eloquencia, aquella Arte*, que he*

do

do eſpirito humano o primeiro adorno, e da Nobreza do ſangue o mais fino eſmalte. Olhey ora para as obrigações, que devo a ſeu illuſtre Pay, ora para a falta, que experimenta hum Fidalgo Portuguez, naõ tendo na lingua materna Livro, que o inſtrûa nos preceitos da Eloquencia verdadeira, e tomey o ſuaviſſimo trabalho de eſcrever para o uſo de V. Senhoria eſtas Maximas ſobre a Arte Oratoria.

Neſte novo eſtudo, para o qual o eſtá já convidando aſſim a viveza do ſeu engenho, como o exemplo de ſeus Mayores, eu bem ſey, que ſe lhe proporáõ muitos

Trata-

Tratados de Meſtres excellentes; mas tambem ſey, que deſtes huns por volumoſos ſeraõ improprios da idade de V. Senhoria, outros por muy ſuccintos ſeraõ indignos da viva comprehenſaõ do ſeu juizo, naõ contendo mais do que huns ſecos, e deſcarnados preceitos ſobre a Rhetorica.

Deſtes ſupponho eu já inſtruido a V. Senhoria, e cuidey unicamente em lhe dar a ler (ſoccorrido pelas doutrinas do ſabio Gisbert) as regras mais finas, e ſolidas, que deixaraõ os antigos Meſtres para o ultimo polimento da Eloquencia. A pratica deſtes preceitos acha-ſe com muita raridade

dade nos mancebos ; o de mais he cousa muy trivial nas escolas , e às vezes damnosa.

Se V. Senhoria souber , que o Senhor Conde seu Pay approvou este meu trabalho , estou certo que nelle ha de occupar as horas de estudo , e occupando-as estou ainda mais certo , que o proveito ha de responder à distincta capacidade do Instruido. Para lhe fazer mais gostosa esta applicaçaõ , empenheime em usar de hum estylo ameno , facil , e succinto , qual estavaõ pedindo os seus annos florentes , condemnando deste modo aquelles Escritores , que escreveraõ barbaros , quando davaõ preceitos

ceitos ſobre a Eloquencia. Segui neſta amenidade ao eloquentiſſimo P. Gisbert, naõ traduzindo-o, mas valendo-me dos ſeus preceitos, e eſtylo, qual induſtrioſa abelha, que fórma o ſeu mel da doçura de diverſas flores.

Para os feliciſſimos progreſſos neſte ſeu novo eſtudo quizera eu lembrar a V. Senhoria diverſos eſtimulos, e baſtaria a hum eſpirito ſublime ſó apontarlhe, que eſtuda a Eloquencia em Roma, naquella meſma Corte, onde floreceraõ os meſmos Meſtres, que deixaraõ aos vindouros as preſentes Maximas. *Vive V. Senhoria neſſe feliz Clima; recebe*

o meſ-

o meſmo ar , que reſpiraraõ os immortaes fundadores da Arte de bem fallar ; e para hum Mancebo illuſtre como V. Senhoria , em quem ſe conhece toda a nobre emulaçaõ , que conduz à verdadeira ſabedoria , naõ era improprio apontarlhe circunſtancia , de que já ſe valeo Quintiliano para eſtimular à Eloquencia a mocidade Romana : porém mais fortes eſtimulos devo eu lembrar a V. Senhoria , lembrando-lhe de quem he filho , e como tal o alto fim para que eſtuda.

Naõ naſcem para logo murcharem as flores da ſua literaria applicaçaõ ; naſcem para darem

a ſeu

a ſeu tempo frutos maduros em ſerviço deſte Reino. Já V. Senhoria terá lido em Horacio, que de fortes naſcem fortes; *e que aſſim eſtá na preciſa obrigaçaõ de imitar aquelles, dos quaes herdou o ſangue.*

Mas o affecto, e muito mais as mercês, que devo à Caſa de V. Senhoria, já me eſtaõ repreſentando preſentes os futuros ſerviços, com que V. Senhoria ha de accreſcentar as glorias da ſua Familia. De Mancebo ſuave, e engenhoſo já o diviſo Varaõ grave, e reſpeitado, e parece-me, que o vejo caminhando pelos heroicos veſtigios de ſeus illuſtres

Avós,

Avós , passallos adiante naquellas glorias militares , de que a Historia de Alemanha tanto se préza.

Parece-me , que igualmente o vejo deixando já o estrondo das armas , cultivar o socegado campo das letras nos Ministerios Politicos , e seguir a passos iguaes a seu incomparavel Pay naquelles serviços , dos quaes os Fastos Portuguezes seraõ eternos pregoeiros ; e que para qualquer destes destinos he indispensavel a solida Eloquencia , saõ tantas as testimunhas , quantos os Heróes em armas , ou letras , que mais illustraraõ a Arte da Guerra , e

da

da Politica; e tempo virá em que V. Senhoria com a pratica de taõ nobre Faculdade nos deixe mais hum exemplo.

Para no lo dar, baſtará ſó que V. Senhoria viva, porque tudo o de mais tirará V. Senhoria do proprio fundo do ſeu vivo engenho, e penetrante juizo, como dizia Ovidio ao ſeu Germanico.

Dî tibi dent annos; à te nam cætera ſumes:
Sint modò virtuti tempora longa tuæ.

Entretanto que a Patria naõ goza deſtes ſazonados frutos, ſeja V. Senhoria nas bellas, e copioſas flores de ſeus eloquentes eſtudos o eſtimulo da nobre Mocidade Portugueza. Honre eſte Livro com

a fre-

a frequente liçaõ; naõ pela parte, que eu tenho nelle, mas porque contém a flor dos ſolidos preceitos da Eloquencia; ou dizendo melhor, porque já tem a approvaçaõ de ſeu Sabio Pay. Deſejara igualmente, que V. Senhoria o honraſſe, pela razaõ de ſer elle o primeiro, que tem a vaidade de o buſcar por Patrono das letras: à minha imitaçaõ correráõ outros eſtudioſos a buſcar taõ benefica ſombra, e já deſta minha offerta vá V. Senhoria coſtumando-ſe a ſer invocado.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

VIstas as informações, pode-se imprimir o livro de que se faz mençaõ, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 18 de Junho de 1758.

Com tres Rubricas.

Do Ordinario.

VIsta a informaçaõ, pode-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso, e conferido torne. Lisboa, 18 de Outubro de 1758.

D. J. A. L.

Do Desembargo do Paço.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa conferido para se taxar, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 11 de Setembro de 1759.

Com cinco Rubricas.

Pó-

Póde correr. Lisboa, no Paço de Palhavã, 21 de Agoſtu 1759.

Com cinco Rubricas.

Póde correr. Lisboa, 29 de Agoſto de 1759.

D. J. A. L.

Que poſſa correr. Lisboa, 18 de Setembro de 1759.

Com duas Rubricas.

CATA-

CATALOGO

Dos livros impressos do A.

Vida do Infante D. Henrique, 1. tom. em 4. grande.

Arte Poetica de Q. Horacio Flacco, traduzida, e illustrada em Portuguez, 1. tom. em 4. grande.

Arte Poetica, ou Regras da verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico, 2. tom. em 8. grande.

Maximas sobre a Arte Oratoria, extrahidas das doutrinas dos antigos Mestres, 1. tom.

Vendem-se nas lojens de Manoel da Conceiçaõ, Livreiro ao Poço dos Negros; de Monf. Du-Beux, e Bonardel à Cruz de Páo; de Monf. Bertrand à Boa-Morte; dos Irmãos Gibioux ao Poço Novo; e de Monf. Bonardel no largo da Esperança.

MA-

MAXIMAS
SOBRE A ARTE
ORATORIA.

MAXIMA I.

Erat in Bruto natura admirabilis, exquiſita doctrina, & induſtria ſingularis.
Cicero de Claris Orat.

JUSTO he, que demos principio a eſte Tratado pela primeira pedra, em que ſe funda o edificio da ſolida Eloquencia. Sem mais preambulo; naõ he Orador verdadeiro aquelle com quem a Natureza foy meſquinha, negando-lhe os ſeus dons; e menos aquelle, que naõ lucrou com longo eſtudo os precioſos theſouros, de que faz pompa a Eloquencia. Diſcorramos primeiro ſobre o genio natural, e feliz, com que deve naſcer o Orador, para poder levantar a cabeça ſobre os outros; e depois trataremos do profundo eſtudo, que

deve fazer em muitas Faculdades, para lhe ſer devido aquelle meſmo louvor, que Cicero deu a Bruto.

O Orador, no qual ſe naõ verificarem aquellas qualidades naturaes, que fizeraõ dizer a Ariſtoteles, *Gaudeant bene nati*, impoſſivel he, que faça huma figura digna na republica dos Eloquentes. A experiencia comprova todos os dias eſta verdade. Diſtingue-ſe eſte Orador daquelle, porque naſceo com hum genio natural para a Arte de bem fallar; e tanto mais ſe diſtingue, quanto a Natureza foy com elle mais liberal dos ſeus dons. Para tudo he neceſſario genio; mas com mais eſpecialidade para a Eloquencia, conſiſtindo toda a ſua belleza em hum natural bem repreſentado, e exprimido.

Porém onde acharemos eſte genio predominante, que he a alma do verdadeiro Orador? Eu naõ o ſey; buſca-ſe, e naõ ſe acha; mas naõ he muito, ſendo hum compoſto de tantas perfeições: hum homem verdadeiramente eloquente he hum dom eſpecial do Ceo, he huma obra de mui-

tos

tos ſeculos, e naõ admira, que em qualquer Naçaõ culta ſe contem por unidades os Oradores. Se baſtaſſe ſó hum genio feliz, naõ ſeria taõ rara eſta joya; mas além de hum natural naſcido para a Eloquencia, (iſto he, hum facil, e copioſo ſoccorro de palavras, e expreſsões) devem concorrer no Orador outros muitos dons da Natureza, os quaes fazem extremamente rara a Arte de fallar.

He preciſo huma grande elevaçaõ de eſpirito, hum juizo delicado, e hum profundo diſcernimento, aperfeiçoado com a pratica do mundo, e com a ſolida inſtrucçaõ de varias Faculdades. He neceſſario huma eſpecial extenſaõ de memoria, huma imaginaçaõ viva, huma comprehenſaõ facil, huma voz clara, e diſtincta, huma figura agradavel, hum geſto ſenhoril, huma pronunciaçaõ animada, além de outras muitas qualidades, que commummente ou ſaõ entre ſi incompativeis, ou muy difficultoſas de ſe acharem em hum homem. Daqui vem dizer Cicero, laſtimando-ſe da ſua idade, que em cada ſeculo apenas appare-

cem dous Oradores dignos de eſtimaçaõ. Em hum tempo, em que a Eloquencia reinou ſoberana, naõ duvidou Cicero a eſcrever eſta propoſiçaõ; e que ſe dirá da noſſa idade? Póde ella deſvanecerſe, do que tanto ſe gloriou Athenas, e Roma? Digaõ huns, que naõ póde; que eu direy, que poderia, ſe ſe poliſſe, e cultivaſſe o juizo, e engenho humano, como no tempo daquellas famoſas Republicas. A Natureza naõ ſey, que cançaſſe; ſey que nos faltaõ os meyos, e os eſtimulos, que tinhaõ os bons Gregos, e Romanos.

Além do genio, he neceſſario para ſer eloquente, huma grande capacidade, e huma continua applicaçaõ. Concorriaõ em Bruto eſtas tres circunſtancias, e por iſſo mereceo do famoſo Orador Romano hum louvor taõ diſtincto. O imperio da Eloquencia abrange vaſtas Provincias, e taõ vaſtas, quantas ſaõ as obras eloquentes, que nos deixou a ſabia Antiguidade. Sem ſe eſtudar muito, e muito por eſtes eſcritos, ſem ſe ler de dia, e noite a Demoſthenes, a Cicero, a Ariſ-

toteles,

toteles, Quintiliano, Longino, e os demais, que ſaõ as fontes, onde ſe bebe o perfeito bom goſto da Eloquencia, tenho por impoſſivel, que poſſa darſe hum Orador verdadeiro. E naõ baſta talvez ler ſó por eſtes Antigos, e obſervallos com profunda meditaçaõ; he preciſo eſtudar bem pela Natureza, e com a guia della ſaber a fundo os myſterios do coraçaõ humano.

O principal fim do Orador he mover aquelles affectos, que pretende; e ſe elle naõ for bem inſtruido neſte occulto eſtudo da Natureza, ſe naõ ſouber bem o que ſaõ as paixões do homem, como ha de mover huma maquina, que de ſi he taõ difficil de abalar? Daqui ſe ſegue, que he indiſpenſavel no verdadeiro Orador hum profundiſſimo eſtudo da *Filoſofia dos coſtumes*: mas ainda ſe extende a muito mais a ſua obrigaçaõ. Aquelle, que emprende eſta taõ ardua empreza, ſe ler a Cicero, achará, que a Eloquencia comprehende todas aquellas couſas, pelas quaes ſubſiſte a ſabia diſciplina de huma Republica bem regulada.

A eſta Faculdade pertence ſaber a origem, a força, a virtude, e mudança de todas as couſas: a ella toca poſſuir o conhecimento da Natureza, no que reſpeita aos coſtumes, e inclinações do homem: della he a obrigaçaõ de ſaber as leys, e coſtumes dos povos, e o que tempera, ou deſtempera a harmonia de huma Republica. Em fim pretende o Orador Romano, que a Eloquencia ſaiba tudo, já que tudo eſtá ſujeito ao ſeu dominio.

Com effeito, ſe naõ tiver hum fundo abundante de erudiçaõ, como ha de o Orador decidir qualquer couſa? Ainda digo mais; como ha de o ſeu eſpirito ſer capaz de alguma louvavel producçaõ? Parecerá, que iſto he dito livremente; pois muito ha, que affirmou o meſmo Petronio, aquelle Critico taõ judicioſo, quando diſſe: *Neque concipere, neque edere partum mens poteſt, niſi ingenti flumine literarum undata*: iſto he, ſem hum rico cabedal de capacidade, e ſciencia, naõ póde o Orador fallar com dignidade naquella materia, que tomou por aſſumpto.

E

E na verdade como ha de elle aclarar aos outros, ſe elle meſmo eſtá às eſcuras? Como ha de conſeguir o ſeu fim, ſe ignorar os meyos? Para o alcançar he certo, que naõ ha outro modo, ſenaõ o enriquecer o eſpirito com hum infatigavel eſtudo, pelo qual adquira o profundo conhecimento das couſas. Mas quem ha de reſiſtir a taõ duro, e longo trabalho? Só quem da Natureza tiver recebido hum genio proporcionado, e hum natural forte, para ſupportar taõ grave pezo. Os que naõ naſcem com eſte dom, embaraçaõ-ſe com os preceitos dos Meſtres; e aſſim como os que naõ tiverem voz, por mais que eſtudem a arte de cantar, nunca ſeraõ Cantores; aſſim na arte de fallar os que naõ tiverem hum genio eſpecial para a Eloquencia, por mais que ſe cancem, nunca ſeraõ Oradores.

MA-

MAXIMA II.

Quis est adeò non ab omni eruditione modò, sed à sensu remotus hominis, ut fabricandi quidem, & texendi, & è luto vasa dicendi Artem putet: Rhetoricem autem, maximum, ac pulcherrimum opus, in tam sublime fastigium existimet sine arte venisse? Quintil. l. 2. c. 16.

A Maxima, que deixamos estabelecida, está chamando precisamente por esta; porque para logo desprezará a Arte aquelle, que se sentir com hum natural genio para a Eloquencia. Acima tocámos este ponto; agora dilataremos nelle a penna. Queixava-se Aristoteles, de que tendo escrito tantos sobre a Eloquencia, fossem taõ poucos os que deixando bem expendidos os preceitos desta Arte, deixassem a outros aberto, e applanado o caminho. Isto, que no tempo do Filosofo era falta de mestres, hoje he de discipulos. Naõ faltaõ presentemente Tratados excellentes, que guiaõ, como pela maõ, e com toda a se-

a ſegurança, ao Orador principiante: o que falta ſaõ Engenhos, que queiraõ ſujeitarſe aos preceitos da Arte.

Muitos conhecem em ſi facilidade, e genio para a Eloquencia, e aſſentaõ comſigo, que iſto baſta para ſerem inſignes Oradores. Deſprezaõ tudo o que ſaõ preceitos, iſto he, aquellas leys irrefragaveis, fundadas ſobre a natureza, ſobre a razaõ, e ſobre a experiencia: e ſe ha quem os queira meter no caminho, moſtrandolhes quanto vaõ errados, reſpondem, que a Rhetorica naõ he capaz de Arte, por ſer hum dom, que vem unicamente da Natureza. Para iſto achaõ doutrinas, que (ao parecer) os defendem. Entre outras, que omittimos, allegaõ com a de Democrito, e com a de Gorgias, ſem fazerem caſo, de que a eſte ſe oppozera Plataõ em hum eſpecial Dialogo, e àquelle Horacio, eſcarnecendo da ſua ſentença.

Deixando como puerís, e ridiculas as razões, com que os Engenhoſos querem fugir ao trabalho do eſtudo, he neceſſario, que cada hum delles creya, que ha huma Arte, que fórma,

ma, e pule a natural Eloquencia, e que ſem ella ainda o Mundo naõ vio hum verdadeiro Orador. Diſcorra-ſe por todos os livros, a que os Sabios chamaõ eloquentes; lea-ſe a Cicero, a Demoſthenes, a Livio, a Ceſar, e outros muitos: nelles ſe acharáõ humas taes perfeições, e excellencias, que preciſamente ſe ha de concluir, que ſem Arte, ſem reflexaõ, e artificio naõ ſe poderiaõ dar taõ perfeitos diſcurſos.

Pelo contrario aquelles, a quem faltaõ eſtas tochas, como caminhaõ às eſcuras, logo encontraõ com deſpenhadeiros, cahindo em mil deſigualdades, e inconſequencias. Apezar dos dons, de que a Natureza os dotou, ſe a Arte naõ trabalhar em ſuas obras, moſtraráõ (naõ duvido) hum, ou outro pedaço de bom metal; mas a mayor parte da materia, ao fundir-ſe, ha de ſe reduzir a eſcoria. Aquelle, que em qualquer compoſiçaõ ſe fia da Arte, naõ póde ſer enganado; por iſſo dizia Quintiliano: *Ars enim ſemel percepta, non labitur*; porque ella dá aquellas regras univerſaes, e

ap-

applicaveis a qualquer Argumento.

Por eſta cauſa deſapprovava Ariſtoteles o uſo dos Meſtres do ſeu tempo, os quaes enſinavaõ a ſeus diſcipulos a Oratoria ſó por exemplos, deſprezando a Arte. Para exprimir o erro deſtes homens ſe valeo de huma ſemelhança, que parece humilde, mas he bem expreſſiva. Se hum homem (diz o Filoſofo) que naõ póde andar deſcalço, for ter com hum C,apateiro, pedindo-lhe, que o livre daquella oppreſſaõ, e eſte lhe der diverſos pares de çapatos, he certo, que o miſeravel ſim fica ſoccorrido na neceſſidade preſente, mas naõ para a futura; nem com eſta liberalidade lhe enſinou o C,apateiro a ſua Arte, a qual enſinada, he que ſó poderia fazer, com que o pobre nunca mais andaſſe deſcalço. O leitor de ouvido delicado naõ cenſure a ſemelhança por plebea, porque quanto lhe parece ter de baixa, outro tanto tem de frizante. Applique-a à Eloquencia, e aſſente como certo, que ſó pelos exemplos, que lhe derem os Meſtres, nunca regulará com perfeiçaõ o ſeu juizo; eſtes

tes juntos com a Arte he que o faraõ perfeito Orador.

Mas neſte ponto he neceſſario por ultimo advertir duas importantiſſimas couſas: a primeira he, que eſta Arte naõ ha de apparecer na Eloquencia com pompa, e oſtentaçaõ; antes ſe deve pôr todo o cuidado em a occultar. Naõ ha couſa mais ſem arte, do que hum Diſcurſo claramente artificioſo: por iſſo Quintiliano deixou eſcrito: *Ubicumque ars oſtendatur, veritas abeſſe videatur.* Eſta Maxima pedia eſpecial illuſtraçaõ; mas reſervamo-nos para lugar mais opportuno.

A ſegunda couſa, que devemos advertir he, que a Arte na Eloquencia naõ ha de deſtruir, ha de ajudar a Natureza. A' maneira dos bons Medicos, que com os ſeus eſtudados remedios cuidaõ em ajudar a compleiçaõ do enfermo, e trabalhaõ por dar aos ſeus humores aquella harmonia, na qual conſiſte a ſaude. O meſmo deve obſervar o Orador com o exemplo de Demoſthenes, que naſcendo ſem alguns daquelles dotes preciſos para a ſua profiſſaõ, com a arte os alcançou;

don-

donde veyo dizer delle hum Antigo: *Alterum Demoſthenem mater, alterum induſtria enixa eſt.*

MAXIMA III.

Sermones meos minimè compono ad gratiam, ſed ad id, quod optimum eſt, non verò ad id, quod jucundiſſimum, atque gratiſſimum. Plat. in Dial. Gorg.

O Fim principal, que deve ter o Orador, he o mover, e obrigar ſeus ouvintes a buſcar o bem, e a fugir do mal; mas commummente o que ſe vê, he, que ſó tem por fim o agradar aos ouvidos alheyos. Quer fazer figura de homem eloquente, e ter eſtimaçaõ entre os Sabios. E que lhe ſuccede, quando ſe encaminha a eſte fim taõ contrario à verdadeira Eloquencia? Fazer huns Diſcurſos deſpropoſitados, nos quaes ninguem ſe intereſſa. Como ſó quer paſſar por hum agudo engenho, cahe de ordinario

rio em mil agudezas falſas, em infinitas expreſsões affectadas, e em hum eſtylo guindado, que naõ póde agradar aos ſizudos.

Tomara, que huns taes Oradores lançaſſem fóra tudo o que foſſe eſtranho ao ſeu officio, e elles veriaõ entaõ, como logo ſe achavaõ no bom caminho, que trilha a ſolida Eloquencia. Muy proximo eſtá o bom goſto, quando eſtá longe o que he menos bom. Por certo, que elles entaõ naõ cuidariaõ em outra couſa, ſenaõ em inſtruir, e mover com o que he ſubſtancial, e verdadeiro. Sim adornariaõ a verdade, mas ſó quanto foſſe neceſſario, para que entraſſe no animo dos ouvintes ſem difficuldade alguma. Os adornos ſeriaõ nobres, ſimplices, e naturaes. Em lugar de enfraquecerem a verdade, darlhehiaõ nova força, e fariaõ, com que appareceſſe no ſeu proprio eſplendor.

Muito cuſta a hum Orador principiante fazer dos ſeus penſamentos mais pompoſos hum generoſo ſacrificio à Eloquencia. Naturalmente ſomos amantes dos noſſos conceitos; e

ſe

ſe queremos preferir huns a outros, eſcolhemos os que julgamos mais vivos, e luminoſos, e a eſtes he que reputa a noſſa vaidade por huma das noſſas melhores producções. Digamos tudo em huma palavra; eſte ſacrificio do amor proprio he para nós cruel; porque temos huma forte inclinaçaõ a todo o penſamento, que inclue em ſi huma agudeza brilhante. Se eſtamos no ardor da mocidade, entaõ he mais forte eſta tentaçaõ; porque naõ percebemos o como ſe póde eſcrever bem, e naõ uſar de ſemelhantes conceitos.

Dura eſta allucinaçaõ, em quanto naõ chegamos a goſtar da boa Eloquencia, e propomos em noſſos Diſcurſos o verdadeiro fim do homem Orador, que he, naõ já agradar aos ouvidos alheyos com ſubtilezas eſquadrinhadas, mas inſtruir, e mover os ouvintes a alguma couſa louvavel, e iſto por meyo daquelle melhor artificio, que ſabe deſcobrir a adulta, e naõ a pueril Eloquencia. Quando nos pomos a compor os noſſos Diſcurſos Oratorios, naſcem-nos de quando em quando no entendimento humas certas

fór-

fórmas de dizer, que para logo nos enganaõ, e encantaõ com a ſua pompa affectada, e brilhante. E que havemos de fazer para reſiſtirmos às ſeducções deſtes enganos? Fazermos reſiſtencia ao noſſo amor proprio, e coſtumarnos pouco a pouco a expellillos de nós, bem como fazemos àquelles máos penſamentos, que nos querem manchar a alma.

Perguntara eu a razaõ, porque Demoſthenes alcançou (ſem contradiçaõ em tantos ſeculos) a victoria da boa Eloquencia, que lhe diſputaraõ tantos concorrentes no Senado de Athenas? O ſeu engenho, e talento ſeria conhecidamente melhor, que o dos outros? Talvez naõ: pois que teria elle de mais? Hum fim mais nobre. Quando Demoſthenes orava, naõ tinha outro fim, ſe naõ o bem da ſua Patria: eſte o movia a fallar, e eſta era a cauſa, porque tudo nelle era ſubſtancia, força, e razaõ; por iſſo tudo nelle convence, e tudo arrebata. Ao meſmo tempo os ſeus competidores ſó cuidavaõ em deleitar aos Athenienſes com liſonjas, mendigando deſ-

te

te modo vãos applauſos, e louvores. E que tiraraõ elles de tanto eſtudo em agradar aos ouvidos? Naõ poderem já mais chegar a outro gráo de merecimento, e reputaçaõ, que os diſtinguiſſe dos Declamadores, e Sofiſtas.

Quem me dera poder imprimir bem no juizo daquelles, que ſe daõ ao eſtudo da Eloquencia, a importantiſſima Maxima de Plataõ, que nos deu motivo a eſte Diſcurſo. *Eu* (dizia elle) *já mais componho para deleitar aos outros: cuido em dizer, naõ o que he mais agradavel, mas o que he melhor.* Eſte famoſo homem, quando fallava, ou eſcrevia, naõ punha por fim o ter ſuſpenſos os outros com o artificio de huma pompoſa, e agradavel Eloquencia; porque ſabia, que o que excita maravilha, applauſos, e vivas, nem ſempre he o melhor.

O ſer huma couſa admirada, naõ he preciſa conſequencia de ſer boa; porque a admiraçaõ naõ ſuppoem, que o objecto ſeja bom, ſuppoem ſómente que ſeja novo, ou que o pareça. Por iſſo muitas vezes ſuccede, depois de termos ouvido huma Ora-

çaõ criticarmos aquillo meſmo , que ao ouvilla , nos arrebatara, e ſurprendera. Entrou o juizo a ſyndicar com ſocego , e tornaraõ-ſe as admirações em reparos.

Tomara igualmente poder perſuadir ao Orador , que ſó trabalha por ganhar eſtimações, e applauſos, eſtando no erro , de que eſtes ſaõ prova certa, de que elle poſſue huma grande, e ſublime Eloquencia ; ſim , tomara capacitallo, que vay inteiramente errado na conſequencia. Baſtaõ os ornatos de hum fallar, que he mediocre, para excitar no auditorio hum rumor liſonjeiro, e frequentes vivas; no meſmo tempo, que o genero ſublime com a ſua grandeza, e pezo opprimindo em certo modo a voz dos ouvintes, imprime nelles hum ſilencio , que os faz ſuſpenſos , e immoveis. Donde , deve tirar o Orador , que ſó cuida em agradar, para ganhar applauſos , e ſer tido deſte modo por verdadeiro Eloquente, que eſtá muy longe de merecer eſte nome , porque eſtá muy longe do fim da Eloquencia.

Aſſentando neſta doutrina , parecerá,

cerá, que nós queremos degradar da Oratoria tudo o que he cauſar deleite nos ouvintes, e por eſte modo receber delles o applauſo, e acclamaçaõ de eloquente. Naõ ha duvida, que o queremos, ſe eſte for todo o fim do Orador; mas facilmente lho concederemos, ſe elle com economia quizer agradar, e receber os louvores do auditorio, para melhor conſeguir o ſeu nobre fim. Deleite, mas naõ tome por alvo o deleitar: mereça applauſos, mas naõ os buſque, eſpecialmente com frequencia, porque os meſmos ouvintes viráõ a cançarſe de tanto applaudir; e ahi os temos já enfaſtiados, e por conſequencia pouco attentos, perdendo deſte modo a Eloquencia o ſeu verdadeiro fim.

Quando eu fallo (dizia Cicero) góſto dos applauſos; góſto de ouvir dizer, bellamente; naõ ſe póde dizer melhor; mas naõ folgo, que ſe me diga iſto muito a miudo. *Belle, & præclarè nimium ſæpe nolo.* Sim; porque à prudencia do Orador, e ao ſeu artificio rhetorico pertence o buſcar diverſos lugares, que naõ chamem por ap-

 plauſos,

plaufos, nem obriguem a admirações. Sirvaõ eftes de intervallos, em que poffaõ os ouvintes tornar a fi, e dar focego às potencias, que eftavaõ agitadas. Depois de huma grande luz, que cegou, he neceffario fombra, e bufca-fe a efcuridade. Pouco he precifo (continúa o mefmo Meftre) para fe paffar do mayor gofto ao difgofto; mas fe o deleite he mediano, e dado com economia, conferva-fe por mais tempo, e naõ infpira taõ depreffa defprazer.

As grandes bellezas da Eloquencia faõ nifto femelhantes aos grandes goftos; defagradaõ, quando fe naõ ufa dellas a propofito, e naõ fe diftribuem com medida. Eu antes quizera ouvir hum Difcurfo medianamente bom, do que outro bello, e maravilhofo fem interrupçaõ defde o principio até o fim. A razaõ he, porque tudo o que agrada em exceffo, faz na alma huma impreffaõ forte, e violenta: ora toda a impreffaõ defta natureza, por mais agradavel que feja, fenaõ he breve, e de paffagem, para logo enfaftia, e cança.

MA-

MAXIMA IV.

Si fieri poteſt, verba omnia hujus alumnum urbis oleant, ut Oratio romana planè videatur, non civitate donata.
Quintil. l. 8. c. 1.

QUem aſpira à verdadeira Eloquencia, deve pôr ſummo cuidado de fallar com pureza, e energia a ſua lingua. Ha de moſtrar huma locuçaõ apta a repreſentar com pureza tudo o que quer exprimir, e no meſmo tempo nunca ha de moſtrar affectaçaõ em ſer puro. Eu mais eſtimo, o que moſtra mayor diligencia em ſer natural, e ſimples, do que aquelle que ſó faz oſtentaçaõ de pureza de linguagem. O demaſiado capricho de querer fallar bem, he cauſa, de que muitas vezes ſe falle mal. Deſpreze-ſe todo o termo, que for extraordinario, e pouco conhecido no uſo commum; porque (parece hum paradoxo) he fallar mal o fallar demaſiadamente bem: cheira mais a curioſidade,

ſidade, do que a pureza, como dizia Quintiliano: *Invenies quos curiosè potius loqui dixeris, quàm latinè.*

Coſtume-ſe deſde logo o Orador a fallar de maneira, que todas as ſuas palavras (ſe poder ſer) ſaibaõ a hum homem, que naſceo, e ſe criou na Cidade, e naõ a hum foraſteiro, a quem ſe concedeo o privilegio de Cidadaõ. De outro modo ſuccederlheha, como a Theofraſto, ao qual, a pezar de ſua elegancia, e policia no fallar, conheceo logo huma mulher ruſtica de Athenas, que elle naõ era Athenienſe, porque fallava muito Attico.

Confeſſo ſer ſummamente difficil, que hum Orador criado fóra da Corte poſſa chegar a exprimirſe de modo, e a ter pronunciaçaõ taõ pura, que jámais ſe dê a conhecer por homem de Provincia. Que ſerá (perguntava Cicero) e em que conſiſte aquella certa maneira de linguagem, e de pronunciaçaõ, à qual eu chamo *cor*, *e tintura de urbanidade*? Eu naõ o ſey (reſpondia elle) ſómente ſey que a ha. *Quid eſt iſte tandem urbanitatis color? Neſcio, inquam; tantum eſſe quemdam ſcio.* Facil

cil ſerá o perceberes iſto (continúa fallando com Bruto) quando eſtiveres nas Gallias. Ouvirás muitas palavras, e fórmas de fallar, que naõ ſe uſaõ em Roma; mas a iſto pode-ſe dar remedio, eſquecendo-ſe eſſes taes das ditas palavras, e valendo-ſe de outras conformes ao uſo. O que mais admira he, que as boas palavras poſtas na boca dos noſſos Oradores, tem hum naõ ſey que mais doce, mais agradavel, e ſonoro ao ouvido, do que na boca dos Oradores de Provincia. Até aqui Cicero.

Deſta ſua obſervaçaõ boa teſtemunha he Theofraſto, de quem ha pouco fallámos, o qual perguntando a huma Athenienſe por quanto vendia certa mercancia: *Foraſteiro* (reſpondeo-lhe) *naõ a poſſo dar, ſe naõ por tanto.* Eſta repoſta deſagradou muito a Theofraſto, moſtrando-lhe a mulher, que elle no ſeu fallar ainda naõ tinha chegado a riſcar o caracter de foraſteiro, poſto que fallaſſe muito bem, e aſſiſtiſſe por muitos annos em Athenas. Tanto he certo, que hum homem naſcido, ou criado fóra da Corte,

te, por mais polido que ſeja, quaſi ſempre ſe deſcobre, e dá a conhecer ſua Patria, ou ſeja na eſcolha das palavras, ou no modo da pronunciaçaõ.

Naõ ſe eſcandalizem diſto os muitos eloquentes das noſſas Provincias; porque eſte defeito, que deixamos apontado, he tranſcendente em todas as Nações: aquelle Atticiſmo, e flor de linguagem, e pronunciaçaõ quaſi ſó he proprio dos polidos da Corte. Com tudo a eſta regra he preciſo dar ſuas limitações; porque no noſſo Reino muitas terras ha, onde a ſua Nobreza, e gente de letras tem pureza de linguagem; mas de pronunciaçaõ, naõ ſey, ſe lha poderemos conceder, eſpecialmente naquelles, que naõ aſſiſtiraõ por largo tempo na Corte, nem communicaraõ com os eloquentes della.

Iſto ſuppoſto (pergunta o P. Giſbert) que ha de fazer o homem de Provincia, que aſpira a ſer bom Orador? Ha de cuidar (reſponde elle) com tempo em corrigir, ou ao menos moderar o mais que puder, certos defeitos de pronunciaçaõ, e de linguagem,

guagem, inſeparaveis do clima, em que naſceo. Se depois de muito eſtudo, e reflexaõ vir, que naõ ſe póde emendar deſtas (digamos aſſim) venialidades, naõ affecte o Atticiſmo da lingua da Corte, porque ha de cahir em mayores defeitos. Em pontos de linguagem, e pronunciaçaõ pura, a meſma ruſticidade offende muito menos, do que huma affectada cultura.

Contente-ſe com ſe fazer forte nas couſas, já que o naõ póde ſer nas palavras; porque iſto he campo aberto para os eloquentes de todas as terras. Deſte modo póde chegar à grande, e ſublime Eloquencia; pois que eſta naõ ſe conhece tanto pelo polimento, e cultura das palavras, quanto pela força das couſas, que ſe dizem. A ſua propria impetuoſidade, como que a arrebata, e ſe no ſeu rápido curſo encontra alguma particular elegancia, comſigo a leva, mais com a força das couſas que diz, do que com o polimento das palavras. Huma tal Eloquencia naõ deve as ſuas expreſsões a huma curioſa eleiçaõ, nem a hum certo verniz de elegancia, mas ſó ao ar-

dor,

dor, e fogo das cousas, que a fazem transportar. Semelhante (diz Cicero) a hum General, ao qual se o acaso lhe depara armas guarnecidas de ouro, e pedraria, combate com ellas, e triunfa, naõ por serem preciosas, mas por serem armas.

MAXIMA V.

Vir sapiens non idcirco elaborabit, ut dicere, & agere ad homines possit, sed ut ea potius, & loqui, & facere queat, quæ Diis grata, & jucunda sunt; & quidem, quantùm poterit, viribus enniti, ut Diis obsequium præstet. Plato in Phædr.

JA' que em hum Pagaõ achamos taõ importante maxima, fallemos agora com os Oradores Evangelicos, posto que o nosso fim neste Tratado naõ seja discorrer immediatamente sobre a Eloquencia Christã. Mas estános desafiando hum Gentio, e envergonhando a muitos Pregoeiros da Palavra

lavra de Deos. Se he para eſtranhar ao Orador profano, affaſtarſe do verdadeiro fim, que inſpira a boa Eloquencia, que diremos do Prégador Evangelico, quando naõ ſe encaminha ao unico alvo, propoſto por Deos no ſeu ſagrado Miniſterio? O fim do Orador Chriſtaõ deve ſer unicamente agradar ao ſeu Senhor, trabalhando na converſaõ das almas.

Mas que faz huma grande parte dos Prégadores deſta idade? Tomaõ por fim o que ſó devia ſer meyo. O meyo devia ſer fallar bem; o fim devia ſer agradar a Deos. E como tranſtornaõ elles eſta ordem? Façamos hum bello Diſcurſo (dizem comſigo) hum Diſcurſo que agrade, que ſeja vivo, que adquira fama, e veneraçaõ nos ouvintes: iſto naõ ſe dirá formalmente, e em termos expreſſos; mas creyo, que ſe diz tacitamente; e ſe naõ ſe profere com palavras, exprime-ſe com obras. E ſe naõ pergunto.

Pega hum Prégador na penna para compor hum Sermaõ, e qual he a primeira, e principal couſa, em que cuida? Que he o que lhe occupa a

ima-

imaginativa, o entendimento, e a memoria? Vale-se desta para que o soccorra com algum facto historico, ou passo das letras Divinas, cuja applicaçaõ appareça engenhosa, e viva. Vale-se do entendimento para cousas, muitas vezes mais especiosas, que solidas, e da imaginativa, para descobrir humas imagens vivas, e brilhantes. Todo se occupa em buscar termos, em inventar expressões, e em dar aos periodos huma cadencia harmoniosa. Cança-se em fazer hum encontro, e opposiçaõ de palavras, que surprenda os ouvintes; em pintar huns retratos, cujas cores façaõ grande impressaõ na vista, e em mostrar nelles hum pincel, cuja delicadeza se admire.

Eisaqui como este Prégador só pretende agradar aos homens, e naõ a Deos, como unicamente devera: quer lisonjear os ouvidos do auditorio, e naõ converterlhe o coraçaõ. Ainda que elle encubra esta verdade, como indigna de seu alto Ministerio, os ouvintes judiciosos, e timoratos logo lhe estragaõ o segredo dizendo: ,, O homem

,, mem intentou deleitarnos, e ſó teve
,, por fim, que admiraſſemos a viveza
,, do ſeu engenho, a regularidade do
,, ſeu eſtylo, a elegancia das ſuas ex-
,, preſsões; mas agradar a Deos, de
,, cuja palavra he Miniſtro, cançando-
,, ſe por nos converter, iſſo naõ quiz
,, elle: ſe o quizeſſe, por certo, que
,, naõ diſcorreria, como diſcorreo,
,, pregarſehia menos a ſi, e mais a Je-
,, ſu Chriſto.

Tomara poder entranhar bem no coraçaõ de huns taes Oradores eſta verdade: naõ baſta, para ſer verdadeiro Miniſtro da Palavra do Senhor, ter engenho, ſciencia, elevaçaõ, e grandeza de alma: naõ baſta ter lido os Santos Padres, os ſagrados Concilios, e as letras Divinas. Tudo iſto ſim he neceſſario, para naõ ſe prégar mal; mas ſe o bom fim de agradar a Deos naõ animar tudo iſto, ha de ſe desfazer em fumo todo eſſe aggregado de excellentes qualidades. Oh quantos ſaõ aquelles, aos quaes nenhuma outra couſa falta para ſerem verdadeiros Prégadores, ſenaõ o fim proprio, que deve ter hum Orador Chriſtaõ! Se eſtes ſacri-

ſacrificaſſem a Deos o amor proprio, as falſas preoccupações, os máos exemplos, e a gloria mundana, que grandes Prégadores teriamos!

Que indignidade, que baixeza, cançarme de dia, e noite, dar tratos ao engenho, conſumir todas as minhas forças a eſtudar, para que ſe diga: Diſcreto Prégador; fallou com toda a eloquencia! E pelo contrario, que gloria, que honra para hum Pregoeiro do Evangelho empenhar todas as forças do ſeu engenho, e do ſeu juizo, em agradar ao Senhor, de quem he Miniſtro, fazendo, com que ſe deſtrua o vicio, com que reine a virtude, e caminhem os homens à ſua felicidade eterna!

Que mudança de idéas naõ haveria no entendimento de muitos Prégadores, ſe eſte fim entraſſe huma vez de poſſe do ſeu coraçaõ! Dariaõ aos ſeus conceitos huma fórma em tudo diverſa, e fallariaõ de hum modo aſſás differente. O ſeu eſtylo ſeria ſolido, e allumiados por huma nova luz, mudariaõ de goſto, e o que agora he a ſua mais ſeria applicaçaõ, quaſi lhes pa-

pareceria occupaçaõ de meninos. Em fim veriaõ, como ſahindo dos torcicollos de huma eloquencia corrupta, ſe achavaõ em hum inſtante na grande, e magnifica eſtrada da boa eloquencia. Concluamos pois, que o fim operante, e a regra de compoſiçaõ, que deve ter quem ſóbe ao pulpito, he o agradar a Deos; maxima até recommendada por hum Gentio, inſtruindo aos profeſſores da eloquencia profana.

MAXIMA VI.

Ne ſtudio quidem operis pulcherrimi vacare mens, niſi omnibus vitiis libera, poteſt. Quintil. l. 12. c. 1.

PAra o Orador chegar a ſer prefeito na ſua Arte, naõ baſta, que empregue nella toda a força da razaõ, e juizo; he preciſo, que tambem a virtude o guie, e ſoccorra. Eſta verdade já os Antigos a conheceraõ, dizendo, que *naõ póde haver bom Orador, ſem virtude moral.* Ora iſto parece hum para-

paradoxo; mas a experiencia, e ainda a razaõ, moſtra, que para ſe ſer bom na arte de perſuadir, primeiro ſe ha de ſer bom nos coſtumes. Já mais ſe chega ao fim da Eloquencia, ſenaõ imprimindo-ſe nos animos a grandeza, e importancia daquellas verdades, que fazem, com que ſe extermine o vicio, e triunfe a virtude. E para ſe conſeguir iſto naõ he preciſo, que haja no Orador hum grande fundo de probidade? Como ha de elle mover os animos, accendellos, e fazer nelles vivas, e profundas impreſsões, ſe tambem naõ eſtiver movido, abrazado, e perſuadido? Eſte ponto entre os antigos Meſtres da Oratoria naõ admittia a minima duvida, e até entre os Poetas, gente mais livre, corria de plano eſta doutrina. Veja-ſe a Horacio na ſua *Poetica*.

Nem ſe me dê em repoſta: Que baſtará, que o Orador ſe finja virtuoſo, quando na realidade o naõ ſeja. Naõ baſta; que iſſo ſeria confundir o Orador com o Comediante; nem huma Academia he o meſmo, que hum Theatro. Quanto mais; eſte que aſſim

ſim falla, entenderá, que póde conſervar por longo tempo a ſua hypocriſia? Como ſe engana: ha olhos mais perſpicazes, do que elle cuida. Tarde, ou cedo cahirá a pelle de ovelha, e apparecerá o lobo; porque he muy difficil exporſe hum homem ao publico, e naõ apparecer qual he na ſubſtancia.

Se neſte ponto tem pezo as authoridades, certamente haõ de pezar mais as dos Gentios, por iſſo meſmo, que da ſua cegueira ſe naõ póde eſperar luz. Ora lea-ſe a Quintiliano, onde faz eſta pergunta: Eſtá hum Orador, homem de máos coſtumes, no meſmo gráo (ſe he poſſivel) de engenho, de eſtudos, e de doutrina, com outro, que he de conhecida probidade em todas as ſuas acções. Qual dos dous excederá em eloquencia? Ha de certamente exceder, o que for melhor nos coſtumes. *Demus id, quòd nullo modo fieri poteſt, idem ingenii, ſtudii, doctrinæ peſſimo, atque optimo viro: uter melior dicetur Orator? Nimirum, qui homo quoque melior.*

A vida virtuoſa faz eloquentes;

porque poem o entendimento, e o coraçaõ do homem naquella diſpoſiçaõ, em que hum, e outro deve eſtar, para poder perſuadir, e convencer. E que diſpoſiçaõ ſerá eſta taõ neceſſaria à Eloquencia? He hum certo gráo de perſuaçaõ, que reſide no entendimento, e hum certo ſentir, que reina no coraçaõ, ao qual já mais chegará quem naõ for homem de bons coſtumes. Só he proprio de huma alma deſembaraçada de todo o vicio, (como affirma Quintiliano) e de hum eſpirito livre de affectos deſordenados, o occuparſe em hum eſtudo taõ nobre, e taõ perfeito, como he o da Eloquencia.

Hum meſmo entendimento poderá talvez no meſmo tempo conceber as melhores, e as peyores couſas? Poderáõ unirſe em hum meſmo coraçaõ os ſentimentos mais honeſtos, e elevados, com os mais abatidos, e torpes? Tudo iſto ſerá poſſivel, ſe o meſmo homem puder ao meſmo tempo ſer, e naõ ſer virtuoſo. *In eodem pectore nullum eſt honeſtorum, turpiumque conſortium, & cogitare ſimul ac deterri-*

ma,

ma , non magis eſt unius animi , quàm ejuſdem hominis bonum eſſe , ac malum. Quintil. l. 12. c. 1.

Ha couſa mais deſordenada, e dividida (continúa o meſmo Meſtre) do que huma má conſciencia ? *Nihil tam laceratum , quàm mala mens.* E em tanta confuſaõ que lugar póde ter a Eloquencia ? Ella, que pede hum entendimento claro , e ſereno , e huma perfeita uniaõ de todas as potencias da alma , de maneira , que nenhuma couſa as poſſa ſeparar, e dividir ! Eſperar merecer o nome de Orador o homem, que naõ tem probidade , ſerá pretender de hum campo cheyo de abrolhos a producçaõ de bons frutos. *Quis inter hæc eloquentiæ locus ? Non hercle magis , quàm frugibus in terrâ ſentibus , ac rubis occupata.*

Finja-ſe com a arte poſſivel o Orador de má vida; procure adquirir por artificio os requiſitos virtuoſos , que nelle naõ ha ; que em fim ha de ſe deſcobrir o ſeu fingimento : elle meſmo ſe ha de entregar. Por mayor que ſeja o ſeu talento para a Eloquencia , impoſſivel he que naõ vacile , quando

a ſua lingua naõ correſponde, nem concorda com o ſeu entendimento, e coraçaõ. Pelo contrario ao Orador de probidade baſta-lhe abrir a boca, para fallar com eloquencia. As ſuas palavras ſaõ expreſsões do que em ſi ſente; e hum diſcurſo, que tem por fonte a hum coraçaõ cheyo de honra, e virtude, ſempre he hum diſcurſo eloquente. *Prodit ſe* (ainda continúa o meſmo Quintiliano) *quàmlibet cuſtodiatur, ſimulatio; nec umquam tanta fuerit eloquendi facultas, ut non titubet, ac hæreat, quoties ab animo verba diſſentiunt. Vir malus aliud dicat, neceſſe eſt, quàm ſentit; bonos numquam honeſtus ſermo deficiet.*

As bellezas de Eloquencia (ſe hum coraçaõ virtuoſo he quem as miniſtra a hum recto entendimento) ſaõ de hum valor infinitamente mayor, que o de todas aquellas, que naſcerem de outra origem. Antes atrevome a dizer, que ſó eſtas ſaõ as verdadeiras, e ſolidas bellezas da Eloquencia. O Orador, que naõ tiver probidade, impoſſivel he, que dê com eſta mina. Diverſos retratos, e caracteres

ſe-

ſeraõ todo o objecto da ſua pretendida eloquencia. Obſerve-ſe a hum deſtes, e verſeha, como ſe eſpraya em uſar de imagens pompoſas, como brinca com deſcripções magnificas, e como corre atraz de conceitos engenhoſos, e vivos. Será muito embora o ſeu Diſcurſo ornado, agradavel, ſubtil, e elegante; ſerá em ſumma o que quizerem, mas naõ ſerá eloquente. Aſſim como eſte homem tudo iſto concebeo, produzio, eſcreveo, e imprimio na memoria, ſem ficar commovido, aſſim igualmente tudo iſto dirá em publico, ſem que os ouvintes ſintaõ em ſi commoçaõ.

Deſtas breves obſervações, que deixamos expendidas, claramente ſe colhe, que naõ ha Orador perfeito, ſem probidade de coſtumes. Mas para tirar toda a apparencia de paradoxo, que no juizo de alguns podér ter eſta maxima, torne outra vez hum Gentio a teſtificar a verdade della:
„ Moſtray (diz Cicero no ſeu *Ora-*
„ *dor*) moſtray diante de voſſos ou-
„ vintes, que ſois quaes deveis ſer:
„ eſte he o ponto mais importante da

„ Ar-

,, Arte Oratoria. Mas o chegar a eſte gráo he obra ſó do caracter de huma vida ſem vicios, vida que naõ reſpira, ſenaõ grandeza de animo, e nobreza de penſamentos. Se faltar eſta probidade, de que ſerve o grande numero de preceitos, que deixaraõ os Rhetoricos? Serve para fazer vãos, e inſipidos Oradores, que reſtringem toda a perfeiçaõ da ſua arte em agradar, e liſonjear à multidaõ. Eſte era o juizo, que formava o famoſo Plataõ nos ſeus Dialogos, onde deſcreve a eſtes homens taõ dignos de rizo, quanto ſaõ merecedores de deſprezo.

Naõ tranſcrevo eſta doutrina em Latim, por naõ ſer prolixo: naõ affecto copiar authoridades, eſpecialmente ſendo longas; porque aſſim como me cançaõ a mim, tambem cançáraõ ao leitor. Quanto mais, que aquelles que me lerem, ſe forem inſtruidos, bem ſaberáõ a verdade, com que allego os Authores; e ſe forem indoutos, entendo, que naõ me haõ de negar a fé. Parecia eſta ſatisfaçaõ eſcuſada; mas ſerve para as outras Reflexões, que ainda temos, que fazer;

zer ; prevenindo deſte modo alguns reparos daquelles medroſos, que nunca apparecem em publico, ſem hum eſquadraõ de authoridades, e citações.

MAXIMA VII.

Feratur igitur (Eloquentia) *non ſemitis, ſed campis : non uti fontes anguſtis fiſtulis colliguntur, ſed, ut latiſſimi omnes, totis vallibus fluat, ac ſibi viam, ſiquando non acceperit, faciat.* Quintil. 5. c. 14.

A Eloquencia quer liberdade; ama hum caracter facil, deſembaraçado, e natural, que reine em todas as partes do Diſcurſo; porque tudo o que a reſtringe, e violenta, vem a deſtruilla. Naõ ha couſa, que mais deſagrade, do que huma peſſoa de acções, e geſtos, todos compaſſados, e medidos: naõ falla, naõ obra, naõ ſe move, que naõ ſeja em cadencias, e affectados requebros. He certo, que ainda quando eſta tal peſſoa foſſe a meſ-

a mesma formosura, nunca poderia chegar a agradar aos judiciosos, e sizudos. Pois o mesmo digo da Eloquencia, que naõ he livre: para mim tem hum naõ sey que, que para logo me enfastia.

Mas em que consistirá esta liberdade, que recommenda Quintiliano? Será por ventura huma cousa, que naõ se possa exprimir? Naõ: consiste em hum estylo, no qual naõ se dê a conhecer o estudo, e a arte, mas só a natureza se conheça dominante; huma natureza cultivada, polida, e que deve este polimento, e cultura à muita reflexaõ, e estudo. Seria para desejar, que o Orador exprimisse as cousas, como as diria no estado da innocencia: por certo, que entaõ o seu estylo seria livre, porque seria facil, natural, e simples. Mas como naõ he possivel esse feliz tempo, he preciso, que o Orador trabalhe por conseguir este bem. Para o alcançar, necessita muito de empregar toda a força, e delicadeza da Arte, considerando, que esta serve unicamente para restituir a Natureza à sua primeira perfeiçaõ. Se

ella

ella naõ chega a iſto, moſtra falta; ſe paſſa diſto, moſtra exceſſo.

Ora que fazem pela mayor parte os Oradores, que ainda naõ chegaraõ a perceber eſte ſegredo? Vá-ſe a qualquer Academia, e verſeha, como ſaõ raros aquelles, que ſe cançaõ em aperfeiçoar a natureza, e como ſaõ muitos os que a deſtroem à força de arte. Nas Orações, e Diſcurſos deſtes a natureza deveria ſempre vencer a arte; e pelo contrario a arte he quem ſempre vence a natureza. Que couſa mais oppoſta àquella amavel liberdade, porque ſuſpira a Eloquencia, do que ſaõ as palavras demaſiadamente eſcolhidas, e as fraſes como poſtas a nivel, nas quaes todas as vozes, e ainda ſyllabas, vaõ por conta? Que couſa mais contraria, do que huns periodos, nos quaes achamos ſempre a meſma cadencia, a meſma harmonia, e o meſmo ſom? Que couſa mais oppoſta, do que as Figuras demaſiadamente engenhoſas, e que trazem (digamos aſſim) eſcrito na cara todo o artificio do Orador?

Eſte ponto dava para longas paginas,

ginas, ſe nós quizeſſemos fazer anatomia na organizaçaõ de muitos Diſcurſos, que paſſaõ por eloquentes; mas logo no principio aſſentámos em naõ criar inimigos. Para fazermos bom fruto no Orador de máo goſto, queremos conciliar a ſua benevolencia, e naõ deſpertar o ſeu odio. Tornando ao ponto, ha quem goſta de huma certa ſimetria, e ordem eſcrupuloſa no dizer, e no urdir, que o faltar a ella, he peccado, que naõ ſe perdoa. E eu pelo contrario góſto de achar em huma obra de Eloquencia alguma couſa deſordenada; porque huma ordem ſempre conſervada ſabe muito a arte, e chega-ſe baſtantemente para a affectaçaõ. Nós naõ coſtumamos chamar rica a huma peſſoa, que ſó tem o que lhe he neceſſario: o meſmo devemos dizer da Eloquencia; pois naõ ſe contenta ſó com os bens preciſos, tambem os quer ter em abundancia. Ora quem diz abundancia, diz alguma couſa, que exceda o neceſſario; e eſte exceſſo ſaõ as riquezas, que a Eloquencia mais eſtima, por eſtas lhe abrirem largo campo para a ſua liberdade.

Quan-

Quando leyo entre os Antigos a Cicero, e entre os Modernos ao illuſtre Boſſuet, folgo de deſcobrir nelles certas partes ou deſprezadas, ou que o parecem; certas couſas, como lançadas à fortuna, e ditas a acaſo, das quaes poderia dizerſe, que as trouxeraõ ſem reflexaõ, e ſó por mera caſualidade. Mas oh quanto eſtas negligencias ſaõ obra de huma grande arte, e produzem nos animos hum nobre effeito! Saõ eſtas negligencias (diz o Orador Romano) daquellas, que nos enfeites das mulheres ſervem de dar mais alma, e graça à ſua formoſura. Nellas os adornos poſtos como em ſimetria, e com exacta correſpondencia, certamente naõ lhes augmenta a belleza, e ſó devem eſta liſonja a huns ornatos contrapoſtos a outros, e a humas certas caſualidades, que denotaõ falta de artificio.

Pois eiſaqui juſtamente como a Eloquencia quer ſer ornada: iſto he, quer que ſe dê a hum Diſcurſo certo ar de liberdade, de que goſta a natureza, e taõ pouco conhecido he da mayor parte dos Oradores modernos.

Em

Em fim eu (ſe hey de dizer tudo o que ſinto) até góſto de encontrar algum defeito nas obras de Eloquencia. E a razaõ he , porque me parece defeito em hum Diſcurſo o naõ ter algum defeito. Parecerá iſto extravagancia ; pois já Plinio ſentia o meſmo , dizendo na Epiſtol. 26. do l. 9. , que em materia de Eloquencia o *nunca peccar he peccar*. E a razaõ he ; porque em hum Eloquente o nunca peccar , he ſinal de demaſiada circunſpecçaõ , e por conſequencia (pouco menos que inevitavel) de hum fallar violento.

Paſſemos por hum jardim , no qual naõ ſe offereça aos olhos outra couſa , ſe naõ o que fez a induſtria do jardineiro , ou do artifice. Por bello que ſeja , naõ eſtaremos nelle muito tempo , ſem que nos enfaſtie. Naõ podemos ſoffrer a Arte , huma vez , que opprimio a Natureza. Quizeramos ver nelle humas como negligencias , em que ſe déſſe a conhecer o natural , e ſimples , e naõ o affectado , e pomposo. Hum grande torno de agua entornado , como a acaſo , por huma

caſcata, quanto mais recreya os olhos, do que os brincos de hum repuxo? Eſtes, como obra clara da arte, logo ſaciaõ o goſto; aquelle, como imitaçaõ da natureza, que affecta huma certa negligencia, viſto muitas vezes, ſempre agrada, e chama pelos olhos de todos.

Se nós podeſſemos, e ſoubeſſemos illuſtrar as Orações, e Diſcurſos do eloquentiſſimo Boſſuet, verſehia entaõ, que couſa he aquella liberdade indiſpenſavel à Eloquencia, e aquellas negligencias, de que eſtamos fallando. Porém baſte dizer, que nelle naõ ha eſtylo, que poſſa chamarſe embaraçado, ou tardo, antes tudo he fluido, e tudo veloz. Póde-ſe dizer, que he a natureza a que falla; mas huma natureza, que nada tem de ruſtico, e inculto. Nenhuma expreſſaõ he eſquadrinhada; antes qualquer dellas parece, que naturalmente, e ſem eſtudo viria à boca de todos. Dá ſempre eſte famoſo Orador à ſua materia a figura, que lhe parece, abrandando-a como muito quer, e dando-lhe para logo aquella fórma que pretende.

Que

Que abundancia, que riqueza de expreſsões, de penſamentos, e de imagens! Que maravilhoſa miſtura de razões, e de authoridades Divinas! Em fim, que liberdade de Eloquencia!

Para eſte homem paſmoſo remetto o leitor de perſpicaz entendimento, e deſcobrirá nelle aquella negligencia, que he obra de huma naõ ordinaria applicaçaõ, e que tanto mais cuſtou, quanto menos parece ter cuſtado. *Quædam negligentia eſt diligens*, dizia o grande Orador Romano; e accreſcentava, que iſto he que dava a conhecer ao Eloquente por mais cuidadoſo nas couſas, que nas palavras: à maneira das mulheres ſizudas, nas quaes couſa nenhuma diz melhor, como a falta de enfeites, ſendo o naõ ſe adornarem o ſeu melhor adorno. *Indicat non ingratam negligentiam de re hominis magis, quàm de verbis, laborantis. Ut mulieres eſſe dicuntur inornatæ, quas idipſum deceat.*

MA-

MAXIMA VIII.

Sed hoc pati non poſſumus, & perire artem putamus, niſi appareat; cum deſinat ars eſſe, ſi apparet. Quintil. l. 4. c. 2.

COmo na Reflexaõ antecedente naõ apontámos os motivos, porque muitos Oradores naõ ſabem dar à ſua Eloquencia aquella preciſa liberdade, que a faz ſenhora do Argumento, tocaremos agora eſte ponto, deſcobrindo alguns motivos, já que impoſſivel he moſtrar todos; e com eſpecialidade apontaremos hum, que he talvez a principal cauſa, porque em muitos Diſcurſos naõ ha aquelle dizer livre, que tanto praticaraõ os bons Antigos. O Padre Gisbert, que tanto até aqui nos tem ſoccorrido, continuará a darnos a ſua doutrina, já que nelle he, que achámos eſte ponto tratado com diffuſaõ, e clareza.

Falta a liberdade na Eloquencia, porque ſobeja a arte no Orador. Eu me ex-

explico: ha de ſe fazer huma Oraçaõ, ou qualquer outro Diſcurſo eloquente; e neſte caſo que faz ſeu Author? Traz logo à memoria todas as partes, de que ſe compoem a Oraçaõ Oratoria, para inviolavelmente, e ſem limitaçaõ as pôr todas nos ſeus lugares aſſinados. Eiſaqui o miſeravel Orador metido por ignorante dentro de hum circulo, que elle meſmo fez, e do qual jura naõ ſahir, queira, ou naõ queira. E que mais he preciſo para perder a Eloquencia a ſua amavel liberdade?

Deſenganemos a hum tal Orador. Os Meſtres da Arte de bem fallar ſim nos deixaraõ apontadas as partes, e membros, de que ſe compoem o corpo da Oraçaõ, e aſſinalados os lugares, que lhes pertencem. Mas eſtes preceitos naõ ſaõ taõ rigoroſos, que naõ admittaõ ſua limitaçaõ; e para prova diſto baſtará ler os Oradores Antigos. Por exemplo, nem ſempre a Oraçaõ ha de principiar por hum *Exordio*, qual por via de regra preſcreve a Arte: tambem ſe póde começar *ex abrupto*, movendo logo affectos vehementes.

tes. Nem ſempre he clara, e manifeſta a *Diviſaõ* do Aſſumpto: tambem a ha occulta, e eſta foy ſempre dos Antigos a mais eſtimada. A *Narraçaõ* no lugar, que ſe lhe aponta, nem ſempre he preceito inviolavel; e occaſiões ha, em que ou naõ a deve haver por modo narrativo, ou ſe deve confundir com a *Confutaçaõ*. Em fim, por naõ ſermos prolixos, folhee-ſe bem a Quintiliano, e verſeha, que as Partes Oratorias nos lugares, que commummente ſe lhe determinaõ, naõ ſaõ de inviolavel obſervancia: o obſervar a Natureza he que he preceito, que já mais ſe revoga: ella he ſó a regra viva, e dominante, que altera, quando melhor lhe parece, as diſpoſições da Arte, e ſó deſte modo he que a Arte deve ſer obedecida.

O Orador, que naõ eſtá neſtas cautelas, porque naõ tem bebido nas fontes puras, aſſenta pelo contrario, que deſtroe a Arte, ſe naõ organiza ſempre a ſua Oraçaõ (e por hum modo bem viſivel) com todas aquellas partes, de que ella deve comporſe, e nos proprios lugares, que lhes ſaõ

deſtinados. Erro grande (diz Quintiliano) antes a Arte huma vez que claramente apparece, entaõ he que morre , e deixa de ſer Arte ; entaõ he que a Eloquencia dominante perde a ſua indiſpenſavel liberdade.

Contrahamos mais eſta doutrina, e moſtremos ao Orador, o quanto vay mal aconſelhado em oſtentar a Arte à riſca , pondo ſempre os membros da Oraçaõ nos ſeus lugares preſcriptos , para que todos os vejaõ. Impoſſivel he (porque pediria hum groſſo volume) diſcorrermos por todas as Partes da Oraçaõ : tomaremos huma, que na verdade he a que os Oradores modernos mais affectaõ moſtrar , e conſeguintemente he a mais fatal à liberdade da Eloquencia. A principal couſa , em que cuida o Orador , depois de eſcolhido o Argumento , he em dividillo em duas , ou tres propoſições , reſtringindo-ſe , e encerrando-ſe neſte circulo de maneira , como ſe o ſahir delle foſſe no juizo da Eloquencia huma culpa mortal.

Eu faço duas diſtinctas claſſes de *Diviſões* Oratorias : huma ſenſivel , e

ma-

manifeſta, outra inſenſivel, e occulta. A primeira he pouco recommendavel; porque em duas, ou tres partes diſtinctas, e declaradas ſe manifeſta ao auditorio; a ſegunda he obra eſpecial de huma Arte judicioſa; porque inſenſivelmente paſſa de hum para outro ponto, ſem aviſar expreſſamente aos ouvintes, de que faz a tal paſſagem. Ambas eſtas Divisões ſe achaõ praticadas nos bons Antigos, poſto que com raridade, a que he *ſenſivel*, e *manifeſta*. De todas as Orações que temos de Cicero, ſó oito ſe achaõ com eſta Diviſaõ; e Demoſthenes quaſi nunca ſe ſervio della.

Preſcindindo de alguma occaſiaõ particular, tenho por certo, que he contra a ordem natural preſcrever huma ley inviolavel de dividir ſempre qualquer Aſſumpto em duas, ou tres partes; e naõ terey difficuldade alguma de dizer, que naõ póde darſe couſa taõ oppoſta à boa, e livre Eloquencia, como eſta caſta de Divisões ſempre certas, e reguladas. Póde entrar em duvida, ſe a verdadeira Eloquencia deva ſer natural? He certo, que

naõ. Pois naõ he coufa evidente, que as Divisões claras, e manifeftas fazem no Difcurfo huma certa affectaçaõ, com que logo fe defcobre a Arte? Naõ faõ commummente obra de hum engenho timido, e mefquinho, que per fi mefmo fe prendeo, naõ podendo fahir dos limites, que prefcrevera?

Tomara perguntar a hum deftes, onde eftá nas fuas Orações a *unidade*, aquella unidade, que deve haver em todo o Difcurfo eloquente, a qual confifte em hum certo ponto, ao qual (como ao feu centro) fe deve directamente encaminhar tudo o que fe differ no Difcurfo? Se eu quizera fazer a analyfe a muitas Orações, entaõ fe veria, como em lugar de hum, fe achaõ nellas dous, e tres Difcurfos diverfos. Cada hum com feu *Exordio* à parte, e com a fua *Propofiçaõ*, e nem ainda efquece a mefma *Peroraçaõ*. Eu bem fey, que huns taes Oradores por meyo de varios giros, e reflexões, que de longe vem deduzindo, fe cançaõ por conduzir a hum mefmo fim tudo o que differaõ nas Divisões, e pretendem defte modo falvar a unida-

de;

de ; porém mal ſabem elles , que os intelligentes lhe dizem : Iſſo naõ he ſalvalla ; he querer , que ella appareça, onde naõ eſtá.

Mas já eſtou ouvindo , que ſe me diz : Pois naõ he a *Diviſaõ* huma parte eſſencial do Diſcurſo ? Aquella de que commummente ſe uſa, iſto he, a manifeſta, e ſenſivel, naõ : ſó a inſenſivel , e occulta he que a Eloquencia tem por *eſſencial* , porque he a diſtribuiçaõ do Aſſumpto nas ſuas partes, ſegundo a ordem natural , que ellas tem entre ſi. Deſta Diviſaõ nunca deixaraõ de ſe ſervir nos ſeus Diſcurſos os antigos Oradores. Verdade he, que os que naõ eſtaõ coſtumados a eſta eſpecie fina , e delicada de dividir o Argumento , cuſta-lhes muito a dar com ella. As Orações de Demoſthenes, e Cicero parecem-lhes ſem ordem , e ſem diſpoſiçaõ ; mas os intelligentes reflectindo attentamente nellas , deſcobrem-lhes huma ordem maravilhoſa , e huma continuaçaõ natural de verdades , e razões. Admiraõ a occulta arte, com que paſſaõ de humas para outras couſas por meyo

de

de huns modos, e connexões, pouco menos que insensiveis. Quando huma vez o entendimento tomou o gosto a esta ordem, taõ accommodada para encobrir a Arte, custa-lhe muito o sujeitarse àquellas vulgares passagens de hum para outro discurso, das quaes se usaõ nas Divisões claras, e manifestas.

Supposta a doutrina, que deixamos apontada, parece, que pretendemos desterrar da Oratoria humas taes Divisões, naõ obstante a sua antiga posse. Por certo, que bem o quizeramos, ou ao menos, que se apparecessem, fosse, quando o mesmo Assumpto o pedisse, e isso por hum modo simples, e natural. Mas o mais seguro seria excluir da Eloquencia o que foy excluido, ou ao menos muy pouco usado, pela sabia Antiguidade, assentando os Oradores Gregos, e Latinos, que humas taes Divisões violentavaõ, e enfraqueciaõ a perfeita Arte de bem fallar.

Este era o commum juizo, que se formava, em quanto a Eloquencia conservou o seu imperio. Entrou a

de-

degenerar o bom goſto, e os que tomaraõ o officio de fallar em publico, como naõ tinhaõ noticia alguma dos ſegredos da ſua Arte, antes parecia, que juravaõ naõ ter familiaridade com os antigos Meſtres, entraraõ a entender as regras ao pé da letra, cuidaraõ em aliviar a memoria, e em ſupprir a falta de invençaõ com o favor das Divisões ſenſiveis, e deſcobertas. Ora iſto foy agradando muito com o tempo, porque aſſim cuſtava pouco a orar. Fundava-ſe o Orador em humas vagas, e geraes propoſições, e ſobre ellas diſcorria por algum tempo. Deſte modo ao compor creſcia o caderno, e depois enchia-ſe a hora. Que naõ ſe penetraſſe o interior do Aſſumpto, que eſte naõ ſe moſtraſſe de todos os lados, e que naõ ſe exhauriſſe tudo o que nelle havia, iſſo pouco importava. Eiſaqui como entrou o abuſo de humas taes Divisões, e com ellas a ridicula oſtentaçaõ da Arte, que Quintiliano condemna na preſente Maxima, como couſa taõ fatal, e perniciofa à meſma Arte.

MA-

MAXIMA IX.

Eſt enim grata in eloquendo novitas, & commutatio, & magis inopinata delectant. Quintil. l. 8. c. 6.

ASſim como os noſſos olhos goſtaõ de ver o que nunca viraõ; aſſim o noſſo entendimento goſta do deleite, e admiraçaõ, que lhe cauſa a novidade. Donde ſe ſegue, que Obras de Eloquencia ſem eſta belleza naõ podem (como deveriaõ) encantar, e attrahir. Mas aqui he que eſtá toda a difficuldade: e como ha de o Orador moſtrar em ſeus Diſcurſos eſta virtude, ſe difficultoſamente haverá Aſſumpto ſobre o qual ſe naõ tenhaõ deſcoberto todas as precioſidades, que elle encerrava? Confeſſo, que a empreza he bem difficil; e o peyor he, que della naõ póde fugir o Orador, porque a verdadeira Eloquencia quer *novidade.* Ora ſoccorramo-lo neſte aperto, abrindo-lhe algumas eſtradas, por onde poſſa caminhar.

Sup-

Suppoſto ou naõ ſe poder já deſcobrir, ou ſer muy perigoſa, a novidade nos Aſſumptos, póde o Orador ao menos conſeguir eſte requiſito no *Deſenho* de ſeus diſcurſos. Chamo deſenho à diviſaõ, diſtribuiçaõ, ordem, e diſpoſiçaõ da materia, de que ſe ha de tratar. Naõ ſe ſiga o caminho trilhado por outros; que he eſpecie de eſcravidaõ naõ querer, ou naõ ſaber dar paſſo, ſenaõ ſobre pizadas alheyas. Levante o Orador a cabeça, faça bom conceito de ſi, para ſe perſuadir, que póde inventar hum novo deſenho, que nunca a outros lembrou. Em materias de Eloquencia he neceſſaria invençaõ, e atrevimento no deſenhar hum Diſcurſo; o ponto eſtá em ſer feliz o inventor, deſcobrindo na ſubſtancia do ſeu Aſſumpto diviſões, e diſtribuições, que ainda ſe naõ tenhaõ viſto. Mas tudo iſto deve fazer, cuidando no meſmo tempo em conſervar inviolaveis as leys, que em tal caſo preſcreve a Natureza, o diſcernimento, e a razaõ. Atrevo-me a dizer com ſegurança, que a ordem, e diſpoſiçaõ de diſcurſo, que for mais

na-

natural, essa será a que mostre mais novidade, por ser cousa, de que commummente se foge, naõ se tendo por belleza da Eloquencia.

Em segundo lugar, póde o Orador mostrar novidade nas *Cousas*, isto he, na substancia, e formosura interna da materia, de que tratar. Cave-a, e profunde bem a meditaçaõ, que sempre ha de descobrir novas minas; assim como depressa se exhaure a materia, quando a reflexaõ pára na superficie, e se contenta (digamos assim) só com a apalpar, devendo fazer nella huma especie de anatomia. Tambem a novidade nas *Razões* he hum meyo excellente, para se chamar novo a hum Discurso.

Naõ se entenda, que eu tome aqui por *novas* aquellas Razões, que saõ nimiamente esquadrinhadas, e oppostas ao sentido commum; porque estas no meu sentir saõ as fezes, e naõ o ouro da Eloquencia. Antes o que eu desejara persuadir bem ao Orador, que quer apparecer em seus Discursos com agradavel novidade, he, que jámais se aparte do que he popular. Parece

rece iſto hum paradoxo, e he verdade ſolida; porque em tanto o Orador cauſará novidade, em quanto cauſar deleite aos judicioſos, e para eſtes ſaõ muito más razões, as que naõ ſaõ populares. Eſte ponto he de tanta importancia, e anda commummente taõ mal entendido, que para inſtrucçaõ do leitor faremos ſobre elle hum eſpecial Diſcurſo.

Com a novidade nos *Conceitos* póde igualmente ſer nova a Oraçaõ; mas fonte he eſta taõ perigoſa, que nella ſe póde beber ou agua venenoſa, ou pura. Quantos levados do ardor de dizerem conceitos novos, vem facilmente a cahir em affectações puerís, em penſamentos deſmedidos, e em huns raptos de fantaſia, que vaõ fóra da esfera do ſentido commum! Naõ ſe póde duvidar, que ſeja eſte hum meyo accommodado, para haver conceitos novos; mas tambem o he, para que ſe ouçaõ abſurdos. A Eloquencia naõ admitte novidade, que naõ ſeja prudente, racional, e modeſta; donde ſe colhe, que dizer penſamentos novos, naõ he hum diſcorrer diver-

diverſo, e oppoſto àquelle, a que póde chegar o commum dos homens; he ſim hum produzir couſas, que qualquer com facilidade poderia dizer, mas que de ordinario naõ ſe ouvem. He hum dom, que todos podem ter, e que poucos tem; de modo que he verdade dizer (poſto que pareça bem eſtranho) que aſſim como nada cuſtou tanto à Eloquencia, quanto o que parece, que menos lhe cuſtara; aſſim couſa nenhuma ha, que pareça mais nova em hum Diſcurſo, como aquillo, que (ao parecer) todos diriaõ. Eiſaqui a regra, com que o Orador deve medir a novidade dos ſeus conceitos.

Demos mais outro ſoccorro, para ſer novo em ſuas compoſições aquelle, que ſerve à Eloquencia; e vem a ſer, perſuadirlhe novidade nas *Expreſsões*. Segundo os mayores Meſtres da Antiguidade, naõ ha talvez couſa, que dê às Obras eloquentes mayor grandeza, elegancia, e pezo, como he a belleza das expreſsões. Por certo, que ellas ſaõ as que daõ às couſas huma eſpecie de alma, e ſaõ como luz

pro-

propria, e natural de noſſos penſamentos. Mas entre as expreſsões *bellas*, as *novas* tem ſem contradiçaõ o primeiro lugar; e muitas vezes a novidade ſó per ſi conſtitue todo o merecimento, e belleza dellas. Porém he preciſo advertir, que eu naõ tenho por novas aquellas expreſsões, cuja novidade eſtá em ſe valerem de vozes novas, iſto he, de palavras, que ainda naõ eſtaõ recebidas, e authoriſadas pelo uſo. Antes pelo contrario entendo, que das palavras mais uſuaes, he que ſe podem tirar felizmente expreſsões novas, attribuindo-lhe hum ſentido em tudo novo, por meyo de humas certas applicações novas, que ſe daõ aos termos mais communs. Mas convem advertir, que eſtas applicações devem-ſe fazer com tal arte, que naõ ſaibaõ a violencia, ou affectaçaõ. Naõ ha de apparecer nellas eſtudo, mas ſó hum certo impeto de engenho, que para repreſentar com modo vivo, e com eſpecial nobreza os ſeus penſamentos, vay (digamos aſſim) roubar do ſeyo da natural, e commua ſignificaçaõ das couſas certos modos de fallar,

lar, para unir a ellas imagens totalmente novas, e huma ſignificaçaõ, que antes naõ tinhaõ. O deſcobrir eſtas expreſsões, e o uſar dellas com felicidade, he ſó para os engenhos vivos, e elevados: os frios, e medianos nunca chegaráõ a produzir eſtas luzes.

Em ultimo lugar, póde o Orador apparecer novo aos ſeus ouvintes com a novidade nos *modos de dizer*. Iſto he ſummamente difficil, porque ſaõ muy poucas as maneiras de Eloquencia, que o entendimento póde inſpirar em hum Diſcurſo, as quaes naõ eſtejaõ já ditas pelos Oradores, que nos precederaõ. De hum campo taõ abundante apenas deixaraõ de colher alguma eſpiga, deixando-a para os vindouros. Neſte aperto o que quer a boa Eloquencia, he, que os Oradores modernos, em lugar de porem grande eſtudo em ornar ſuas Obras com os modos, e maneiras de dizer taõ triviaes entre os Antigos, ſe apartem dellas, quanto lhes for poſſivel, porque com tanto uſo vieraõ a ficar velhas, e gaſtas. E para acharem novas fórmas de ſe exprimirem, recommenda-lhes, que con-

conſultem o ſeu coraçaõ, que nelle acharáõ huma fonte taõ abundante, que já mais a poderáõ exhaurir. Com eſte ſegredo deſcobriráõ para os ſeus penſamentos mil differentes modos de dizer, os quaes tanto mais agradaráõ, e produziráõ ſeu effeito, tanto mais ſeraõ novos, quanto mais naturaes ſe moſtrarem. Em huma palavra, ſó o coraçaõ he o que dá verdadeiramente engenho, e abundancia no dizer, como affirmava Quintiliano: *Pectus eſt, qui diſertos facit.*

MAXIMA X.

Gaudent enim res varietate: & ſicut oculi diverſarum aſpectu rerum magis detinentur, ita ſemper animis præſtant in quod ſe velut novum intendant. Quintil. l. 9. c. 2.

SE a *novidade* dá tanto realce à Eloquencia, naõ lho dá menos a *variedade* nas mãos de hum perfeito Orador. A Arte de bem fallar he niſto (co-

(como em tudo o mais) perfeitamente ſemelhante à Natureza. Tiray a eſta toda a ſua variedade, e vereis como ao meſmo tempo lhe tirais toda a ſua graça, e formoſura. Se o Univerſo naõ tiveſſe ſe naõ hum objecto para expor à noſſa contemplaçaõ, elle que todos os dias eſtá dando aos noſſos olhos novo deleite, bem depreſſa nos enfaſtiaria. Se em todas as partes de hum jardim ſe naõ viſſe, ſenaõ huma meſma flor, muy pouca recreaçaõ nos cauſaria pela ſua uniformidade.

Os noſſos olhos ſentem particular goſto em extender a viſta por varios objectos; e ſe a detem ſobre hum ſó por dilatado tempo, facilmente ſe enfaſtiaõ; porque o ſeu deleite he poder ver muitas couſas de huma vez. O meſmo ſuccede ao noſſo entendimento: ſe de continuo ſe lhe apreſentaõ novos objectos, com particular goſto ſe detem nelles; mas ſe o demoraõ muito ſobre o meſmo, logo ſe deſgoſta, e o que antes era deleite, troca-ſe em faſtio. Aſſim como elle recebeo de Deos hum infinito deſejo de conhecer, aſſim ſatisfaz de algum mo-

modo eſta ſua ancia , e cubiça com a multiplicidade dos objectos. Se quer pois o Orador agradar , ſe quer que ſeus ouvintes ſe naõ enfaſtiem, ponha todo o cuidado , em que os ſeus Diſcurſos tenhaõ huma agradavel variedade ; pois que a meſma Natureza lhe eſtá inſpirando a que lha dê.

Primeiramente varie de *Eſtylo* , e naõ tenha por errado eſte conſelho ; porque naõ he o meſmo hum eſtylo variado, e hum eſtylo diverſo. Hum Diſcurſo de eſtylo diverſo , he hum peſſimo Diſcurſo ; mas o que he variado , deſempenha neſta parte as leys da Eloquencia. Por mais que ſe varie o eſtylo , ſempre deve ſer o meſmo ; iſto he, ſempre deve parecer pintura, que ſahio da meſma maõ , e ſempre conſervar (digamos aſſim) o meſmo colorido. Hum grande rio naõ he ſempre o meſmo rio ? E com tudo que variedade naõ obſervamos no ſeu curſo? Aqui o vemos correr por hum caminho eſtreito, acolá por hum campo eſpaçoſo. Em humas partes corre com impeto , em outras com manſidaõ. Humas vezes move-ſe ſem ſu-

ſurro, outras parece que ſe torna contra as pedras, que lhe poem impedimento à paſſagem. Nem todas as prayas, que banha, ſaõ igualmente ferteis, e amenas, e quanto mais ſe chega ao mar, tanto mais arrebatado he o ſeu curſo.

Ora eiſaqui tem o Orador huma fiel imagem da variedade, com que deve ornar o ſeu eſtylo. Seja eſte humas vezes grande, outras humilde; mas nunca de modo, que venha a cahir em vicioſa baixeza. Occaſiões ha, em que deve ſer compaſſado, medido, e que fira harmonioſamente os ouvidos; outras em que deve ſer quaſi deſconcertado, e como ſem ordem, ſem numero, e ſem medida. Ha lugares, em que deve apparecer ſuccinto, em outras diffuſo. Aqui, como de fugida, naſçaõ algumas flores; acolá algum eſpinho, iſto he, naõ ſeja ſempre ornado. Depois de ter arrebatado tudo com a vehemencia, corra doce, moderado, e ſereno; mas em qualquer occaſiaõ moſtre ſempre alma, e viveza. De ordinario ſeja grave, e ſevero; de quando em

em quando hum pouco adoçado, e brando. Cuide o Orador com muita advertencia, em que ſempre vá creſcendo ſeu eſtylo, e à medida que for chegando ao fim do Diſcurſo, aſſim lhe augmente algum novo gráo de força, e vehemencia. Em fim conforme o eſtylo às couſas que diſſer, e eſta bella variedade ſerá o melhor adorno, com que o poderá ornar.

Naõ ha couſa, que venha a cauſar mayor tedio, do que huma uniformidade de eſtylo. Eu apenas leyo duas paginas de certos eloquentes, ſem me enfaſtiar. Confeſſo, que eſtes fallaõ ſempre com viveza, magnificencia, e harmonia: pois iſſo meſmo he o que me enfaſtia. Nada para mim he taõ tedioſo, como hum Diſcurſo ſempre vivo, ſempre harmonico, e ſempre pompoſo: hum Diſcurſo cujo primeiro periodo ſerve de fórma para todos os outros. Engenhos, que naõ ſabem tomar ſe naõ huma ſó figura, bem longe eſtaõ da Eloquencia, que tanto ſe funda em huma agradavel variedade. Do engenho de hum bom Orador deve-ſe dizer o meſmo, que os

Filosofos dizem da Materia, isto he, que he apta para receber qualquer fórma.

Neste ponto muito mais poderamos aqui dizer; mas por evitarmos hum longo discurso, julgamos mais conveniente reservar para a illustraçaõ de outras Maximas o mais que resta dizer sobre a variedade no estylo Oratorio. E por naõ guardarmos isto para mais longe, entremos já na materia, fallando daquella harmonia, e suavidade de estylo variado, com que o Orador deve causar deleite aos seus ouvintes.

MAXIMA XI.

Voluptati aurium morigerari debet Orator.
Cicero de Orator.

JUstamente recommenda o Pay da Eloquencia Romana, que o Orador deve pôr summo cuidado em satisfazer aos ouvidos do auditorio com hum estylo numeroso, e cheyo de harmonia,

nia, de maneira, que lhe cause gosto com a belleza, e suavidade do seu dizer. E a razaõ he muito importante; porque para persuadir he preciso agradar, e o agradar dispoem os animos, e abre maravilhosamente o caminho para a persuasaõ. Nós naõ podemos communicar immediatamente os nossos conceitos ao entendimento dos que nos ouvem; e por isso necessitamos de certos sinaes sensiveis, que saõ as palavras. Vaõ estas primeiro fazer impressaõ em seus ouvidos, e por elles, como por hum meyo absolutamente necessario, levaõ ao entendimento, e coraçaõ alheyo tudo quanto nós sentimos, e discorremos. Mas se succede, que as palavras façaõ nos ouvidos do auditorio huma desagradavel impressaõ, vay tambem este desagrado imprimirse em suas almas; e como ellas em certo modo se offenderaõ com a tal ingrata impressaõ, o effeito, que daqui se segue, he fazerem-se ellas difficultosas a se deixarem persuadir.

Deos quando nos creou, poz-nos no orgaõ do ouvido, ou (dizendo melhor) na nossa mesma alma, huma co-

mo medida das palavras; e da uniaõ, e miſtura dellas feita com arte ſe fórma o que no Diſcurſo chamamos numero, e harmonia. Neſte ſevero tribunal julga a alma como ſoberana, ſe eſte numero, e harmonia eſtá na ſua juſta proporçaõ; ſe pecca por exceſſo, ou por falta; e ſe enche inteiramente o ouvido, ou ſe teria elle mais que appetecer; porque o ouvido (como obſervou bem Cicero) he de hum goſto muito mais difficil de contentar, do que o entendimento. O que baſta para contentar a eſte, naõ baſta para aquelle. *Vocum & numerorum aures ſunt judices .... quarum eſt judicium ſuperbiſſimum. Animo iſtuc ſatis eſt, auribus non ſatis.* Huma prova bem authentica deſta verdade temos no meſmo Orador Romano: admirava elle a Demoſthenes, e julgava-o ſem a minima duvida ſuperior a todos os Oradores; com tudo dizia delle: „ Nem ſem„ pre me enche os ouvidos: tanto el„ les ſaõ ambicioſos, e ſuſpiraõ por „ alguma couſa immenſa, e infinita. *Tamen non ſemper implet aures meas: ita ſunt avidæ, & capaces, & ſemper aliquid im-*

immenſum , infinitumque deſiderant !

Feliz aquelle Orador , que recebeo do Ceo huma tal delicadeza , e extenſaõ de goſto ; porque eſta he huma das melhores diſpoſições para a perfeita Eloquencia. Venturoſo tambem aquelle , que póde dizer com a meſma verdade, o que Cicero diſſe de ſi meſmo : „ Tem os meus ouvidos „ hum ſummo deleite na impreſſaõ , „ que recebem de huma certa harmo„ nia de palavras perfeita , e comple„ ta. Elles ſentem qualquer couſa „ que falte , e naõ goſtaõ de qualquer „ couſa , que ſobeje. *Meæ quidem* (aures) *& perfecto , completoque verborum ambitu gaudent , & curta ſentiunt, nec amant redundantia.*

Peſſoas ha, que ſaõ inſenſiveis em perceber huma tal delicadeza , ſendo para elles o eſtylo harmonico o mais eſcuro enigma. Mal pela Eloquencia, ſe ſe meteſſe na cabeça a huns homens deſtes o ſer Oradores. Muitos entendem , que o numero , e harmonia , de que fallamos , enfraquece o Diſcurſo, e lhe tira huma grande parte da ſua força , e vehemencia. Os que aſſim cui-

cuidaõ, naõ tem huma verdadeira idéa do eſtylo, a que bons Meſtres chamaõ harmonioſo. Ora ouçaõ a Cicero: ,, Taõ longe eſtá (diz elle) de ſe en- ,, fraquecer o Diſcurſo por cauſa da ,, ordem das palavras, da qual naſce ,, a harmonia, que antes ſem eſta or- ,, dem naõ póde haver nem força, ,, nem vehemencia. *Tantum abeſt, ne enervetur Oratio compoſitione verborum, ut aliter in eâ nec impetus ullus, nec vis eſſe poſſit.*

Digamos a verdade: hum Diſcurſo cheyo de harmonia, e vaſio de ſentimentos, e conceitos, he huma producçaõ da loucura; mas tambem hum Diſcurſo cheyo de conceitos, e ſentimentos, e no meſmo tempo ſem ordem, nem harmonia, he obra de hum menino. A natureza deu-nos huma inclinaçaõ taõ grande para o eſtylo harmonioſo, que ainda naõ ſe achou peſſoa, que naõ tiveſſe deſejos de dar harmonia aos ſeus Diſcurſos, ou que podendo naõ lha déſſe. Veja-ſe o como diſcorre ſobre eſte ponto o allegado Cicero no ſeu *Orador*; porque nós, temendo parecer enfadonhos com tan-

to enfiar de authoridades, deixamos de as tranſcrever.

Mas parece-me, que eſtou ouvindo ao leitor perguntarme, donde vem dar força à Oraçaõ o numero, e harmonia? Em primeiro lugar, vem, de que o deleite he inſeparavel da harmonia, e o deleite (ſegundo já diſſemos) he hum maravilhoſo encanto para perſuadir. Daqui ſe colhe, que a arte de agradar foy em todo o tempo huma parte eſſencial da arte de perſuadir; e ficaria eſta ſendo muy fraca, ſe aquella naõ lhe déſſe as armas mais fortes para combater, e triunfar.

Em ſegundo lugar, a razaõ porque a harmonia do eſtylo dá força ao Diſcurſo, he, porque o numero harmonico conſiſte em huma certa diſpoſiçaõ, e ordem de vozes, e palavras, as quaes daõ aos conceitos do Orador a juſta medida, e a conveniente proporçaõ, que lhes he neceſſaria para ſe imprimirem bem no auditorio. E ſenaõ, tire-ſe aos bons conceitos, e ſentimentos a ordem, e diſpoſiçaõ, com que eſtaõ, e verſeha, como logo perdem toda a ſua força. Os meſ-

mos

mos rayos de Demosthenes (diz Cicero) feririaõ muito menos, se naõ os despedisse ajudados do numero, e harmonia, que por toda a parte os acompanha. *Cujus non tam vibrarent fulmina, nisi numeris contorta ferrentur.*

MAXIMA XII.

Numerus non quæsitus, sed ipse secutus videatur. Cicer. de Orator.

O Mesmo Mestre, que tanto louva, e recommenda ao Orador o estylo harmonico, e numeroso, aponta logo o como se póde destemperar esta harmonia. Ha huns certos numeros demasiadamente sensiveis, huma similcadencia muito compassada, e huma harmonia nimiamente uniforme. Tudo isto he vicioso, e sobeja para desacordar toda a musica de huma Oraçaõ; porque causando nos ouvidos do auditorio huma grande violencia, e affectaçaõ, faz, com que elle logo se enfastie, e despreze, quanto

to ouve. Eſta ſimilcadencia compaſſada, e demaſiadamente harmonica, e numeroſa, em vez de dar força aos rayos da Eloquencia, os reduz a nada, ou ao menos os reduz a fracos relampagos, que naõ fazem outro effeito, ſe naõ dar hum claraõ ſem utilidade. Deve pois o Orador (por conſelho do allegado Cicero) livrarſe deſtes como grilhões, quebrando-os com toda a reſoluçaõ, ſe devéras deſeja poſſuir a verdadeira Eloquencia. *Primùm igitur eum tamquam è vinculis numerorum eximamus.*

Sim; cuide muito, em que eſte numero, e harmonia de eſtylo naõ ſeja eſquadrinhada; antes uſe della com tanta naturalidade, que pareça ao auditorio, que a harmonia per ſi meſma vem acompanhando os ſentimentos, e conceitos; porque correm parelhas o numero na proſa, e a rima no verſo. Aſſim como o Poeta naõ ha de buſcar a rima, mas a rima ao Poeta, aſſim o numero ha de buſcar ao Orador, e naõ o Orador ao numero. A harmonia no eſtylo naõ ſe deve conſervar ſempre no meſmo tom; porque naõ ha couſa

mais

mais tediosa. Deve-se praticar nella, como na Musica, huma amavel variedade, segundo já deixamos apontado, e ainda recommendaremos em outras Maximas.

Se o Orador no fogo da sua mocidade cahio na tentaçaõ do estylo nimiamente harmonioso, imite agora a prudencia de Isocrates, o qual diz de si, que à medida, que se hia adiantando em annos, hia deixando de ser escravo dos numeros do estylo; de modo, que naõ só chegou a emendar aquelles, que o haviaõ vencido, mas até a se emendar a si mesmo. Este exemplo, como grande, nos propoem Cicero no seu *Orador*. Nos costumes ha certos defeitos quasi inseparaveis da mocidade; o mesmo he na Eloquencia. De huns devemos livrarnos para sermos huns perfeitos homens civís, e de outros para chegarmos a ser huns perfeitos Oradores.

Agora me occorre outra razaõ, pela qual a harmonia de estylo nimiamente numerosa he condemnada pela solida Eloquencia; e vem a ser, que deste modo falta o Orador àquella doçura,

çura, que deve derramar em todas as partes do ſeu Diſcurſo. Parece iſto hum paradoxo; faltar doçura, onde he muita a harmonia; pois naõ he ſenaõ clara verdade. As cauſas intenſas produzem effeitos contrarios: a demaſiada luz faz cegar, e a demaſiada harmonia, em vez de ſuavidade, e doçura, cauſa hum intolleravel amaro, e faſtio. Eſta he aquella doçura, da qual, como damnoſa, ſe deve fugir, ſegundo o conſelho de Santo Agoſtinho no liv. 4. de Doctrin. Chriſtian. *Semper vitanda eſt perniacioſa dulcedo.*

Houve dous famoſos Oradores da Antiguidade, os quaes ſe diſtinguiraõ por huma grande doçura de eſtylo; mas cada hum era de differente caracter. A doçura de Phalereo (diz Cicero) era terna, languida, e liſonjeira do entendimento do auditorio; deleitava, mas naõ accendia os corações, e quando elle acabava de orar, o que ficava nos ouvintes, era ſó a memoria de huma Eloquencia polida, e amena. Pelo contrario a doçura de Pericles era forte, viva, e em todos deixava, além do deleite, certos eſtimulos, que obri-

obrigava os animos a ir por onde elle queria. O primeiro Orador agradou muito a Athenas, mas a Athenas ainda no berço: o ſegundo foy o objecto da ſua admiraçaõ, quando ella já era poderoſa em forças de Eloquencia. Naõ he difficil julgar qual deſtas duas eſpecies de doçura convenha melhor ao eſtylo do Orador, que aſpira à perfeiçaõ. Bem ſe vê, que a de Demetrio Phalereo, por iſſo meſmo, que ſó ſe fundava no terno, dava em languida, e por conſeguinte em vicioſa: a de Pericles, como era forte, e perſuaſiva, fazia nos ouvintes a impreſſaõ que queria, e por conſequencia era a doçura que pede a Oraçaõ eloquente. Por iſſo o eſtylo deſte, ſim harmonioſo, mas varonil, nunca foy accuſado, como o de Demetrio, daquella affectaçaõ, e demaſia, que condemna Cicero na preſente Maxima.

MAXIMA XIII.

Ex induſtria ſumamus ſententias quaſdam, eaſque verſemus quam numeroſiſſimè, velut eàdem cerâ aliæ, atque aliæ formæ duci ſolent. Quintil. l. 10. c. 5.

ESta Maxima he taõ importante, como pouco obſervada. O Orador deve variar tanto os ſeus penſamentos, que, ſe for poſſivel, devem eſtes ſer tantos no Diſcurſo, como as fraſes. Naõ ſe demore ſobre o meſmo penſamento; que iſſo ſeria ſinal de eſterilidade. Tanto que perfeitamente o tiver explicado, e dado o ſeu juſto valor, paſſe logo para outro; pois o moſtrar muitas vezes a meſma couſa, ou he prova de a naõ ter por ſegura, ou he deſejo de deſgoſtar, e ter inutilmente occupados os ouvintes. Quantas Orações tenho lido, as quaes naõ conſtaõ, ſenaõ de dous, ou tres penſamentos, extendendo-ſe, e amplificando-ſe com mil palavras o que mui-

muito bem ſe podia dizer em poucas! Huns taes Oradores querem ſupprir a falta de penſamentos com a abundancia de vozes; porque muito mais facil he fallar, do que diſcorrer. Quando hum Orador naõ tem mais que palavras, por certo que he muito pobre de Eloquencia.

Mas a verdade he, que o variar nobremente de penſamentos he couſa bem difficultoſa; porque ſaõ rariſſimos os que tem huma rica mina de engenho, e juizo. Bem eſtá (diz Quintiliano na preſente Maxima) porém ao menos exprima-ſe hum meſmo penſamento por diverſos modos, accreſcentando-lhe alguma couſa de novo; iſto he, huma nova luz, huma nova força; porque ſe naõ ſe lhe accreſcentar alguma couſa, ſerá huma vã loquacidade, de que zombaráõ os intelligentes. Niſto naõ quero dizer, que o Orador ſeja pobre de palavras; antes pelo contrario deſejo, que ſeja rico dellas; com tanto, que naõ ſeja eſta a unica couſa, em que conſiſta a ſua riqueza. O ſer rico, e abundante de vozes he neceſſario para dar nova

luz,

luz, e novo pezo às idéas, que ſe formaraõ.

Moſtrem embora os Oradores pouco abundantes hum meſmo penſamento por todos os ſeus lados; mas de modo, que ſempre pareça novo; aſſim como huma meſma figura parece outra, debuxada ou em frente, ou em meyo perfil, ou em eſcorço, &c., cada diverſidade de poſtura quaſi que faz nella diverſidade de cara. Para ſe variar bem hum meſmo penſamento, naõ ſerá pouco ſoccorro ao Orador o variar nelle de expreſsões, humas vezes ſimplices, outras figuradas. Deſte modo parecerá figura nova, a que muitas vezes tem já apparecido; bem como no theatro parecem novas as peſſoas em mudando de veſtidos. A Metafora eſpecialmente, ſendo bem uſada, he hum excellente ſoccorro, para ſe ter por novo aquelle penſamento, que já ſe ouvio; porêm deve cuidar muito o Orador em naõ ter metaforas, ou expreſsões, às quaes poſſa chamar as ſuas mimoſas; porque eſte vicio o faria affectado. Recorra à Natureza, que ella na diverſidade

dos objectos, que apresenta, o soccorrerá com huma variedade de expressões pouco menos que infinita, e deste modo fará, com que hum mesmo pensamento pareça diverso.

MAXIMA XIV.

Non amputata Oratio, & abscissa, sed lata, & magnifica, & excelsa tonat, fulgurat, omnia denique perturbat, & miscet ...... Delectare, persuadere copiam dicendi, spatiumque desiderat. Plin. l. 9. ep. 26.

QUando o Orador chega na sua Oraçaõ a ponto de misturar o fogo do relampago com o estrondo do trovaõ; quero dizer, quando ha de abalar, commover, e arrebatar ao auditorio, de nenhum modo deve usar do estylo conciso, mas sim do abundante, magestoso, e sublime. Figuremos (diz Plinio) que os nossos pensamentos patheticos, e vehementes entraõ no animo dos ouvintes, como o fer-

o ferro entra em hum corpo ſolido. Bem ſe vê, que hum ſó golpe naõ baſtará para elles entrarem, e que ſerá preciſo multiplicallos, para ſe conſeguir o effeito. Logo o eſtylo laconico, como taõ curto, e poupador de palavras, naõ póde abſolutamente ſervir para a commoçaõ de affectos vehementes. O perſuadir, o convencer, e o inſinuarſe nos animos, fazendo-ſe ſenhor delles, naõ he couſa, que ſe faça em poucas palavras, e em breves periodos. Que digo eu o perſuadir, e convencer? Nem ainda o deleitar ſe conſegue com o eſtylo conciſo; porque eſte, como affecta hum ar de myſterio, he mais proprio para pôr em tratos o juizo do auditorio, do que para lhe cauſar deleite.

Porém aſſim como póde peccar o Orador por conciſo no eſtylo, aſſim igualmente póde ſer vicioſo, por moſtrar pompa demaſiada de palavras. A verdade he, que niſto ſe ha de obſervar huma juſta medida. Mas neſte caſo qual ſerá melhor? Dizer de ſobejo, ou moſtrar avareza de palavras no exprimir as couſas? Confeſſo, que naõ

poſſo ſoffrer hum Orador eſteril, languido, e ſeco, e muito menos ſe tem iſto por caracter: por outra parte tambem naõ goſto do Orador exceſſivamente diffuſo, abundante, e vivo. Eſte paſſa os limites do ſeu Argumento; aquelle naõ os chega a tocar. He certo, que huns, e outros Diſcurſos ſaõ vicioſos; huns adoecem (ſe he licito explicarme aſſim) por demaſiada gordura, e outros por exceſſiva magreza.

Mas ſe ultimamente hey de dar o meu voto, digo, que ſe a fecundidade de eſtylo naõ moſtra tanta exacçaõ, ao menos em compenſaçaõ deſta falta moſtra muito mais talento; e aſſim tenho por menos máo, declararme a favor da abundancia das palavras, porque eſta quaſi ſempre traz comſigo huma eloquencia rapida, copioſa, e magnifica. Hum Antigo ainda dizia mais, porque lhe chamava celeſtial, e quaſi divina. *Si detur electio, illam Orationem ſimilem nivibus hybernis, ideſt, crebram, aſſiduam, & largam, poſtremò divinam, & cœleſtem volo.* Sendo na verdade vicioſo o eſtylo demaſiadamente

mente diffuſo , com tudo em hum Orador eloquente deveſe-lhe perdoar a diffuſaõ ; antes atrevo-me a dizer, que a pezar deſte defeito, ha de parecer breve; porque como elle tem eloquencia verdadeira , deleita-ſe o auditorio de o ouvir, e hum animo attrahido do deleite naõ eſtá a contar inſtantes, nem horas.

A doutrina ſobredita he hum pouco extraordinaria ; porque por via de regra deve o Orador ſer abundante ſem profuſaõ ; pois deve ter ſempre diante dos olhos , que no meſmo ponto , em que os ouvintes o tem por nimiamente diffuſo , começaõ a enfaſtiarſe, e o faſtio he hum dos mayores obſtaculos para a perſuaçaõ. O contrario diſto ſó ſuccede com os Oradores excellentes , aos quaes concedeo o Ceo a graça de parecerem breves, naõ obſtante a ſua demaſiada diffuſaõ.

Mas em fim, ſe a brevidade no dizer pathetico, e vehemente he reprehenſivel , e por outra parte a nimia profuſaõ de palavras he tambem viciosa, que meyo ha de buſcar o Orador para fugir deſta Scilla, e Carybdes?

des ? O que ? Tirar dos ſeus Diſcurſos tudo o que directamente naõ ſe encaminhar ao ſeu fim. Muito tempo ſe perde em deſcripções vãs, em amplificações inuteis, e em outras pompoſas ſuperabundancias. O grande ſegredo para naõ ſer vicioſamente diffuſo, conſiſte em naõ dizer mais, do que he neceſſario. Logo que o Orador entrar na materia, em que quer abalar, e commover ſeus ouvintes, naõ ſaya da eſtrada, cahindo na tentaçaõ de querer oſtentar engenho. O tempo que gaſtar por eſſes caminhos, que naõ o levaõ ao ſeu fim, he que o ha de fazer cançado. Diga ſó aquillo, que lhe pedir o Argumento; que ha de mover, e arrebatar ao auditorio: diga-o com abundancia, e magnificencia de palavras, e couſas, que por certo nenhum intelligente o ha de ter por diffuſo, e prolixo.

MAXIMA XV.

Poſitum ſit igitur in primis ſine Philoſophiâ non poſſe effici, quem quærimus eloquentem. Cicer. de Orat.

PRetende o Pay da Eloquencia Latina, que ſe tenha por primeiro principio certo, e indubitavel, que ſem o eſtudo da Filoſofia ſeja impoſſivel haver Orador, e muito menos darſe aquelle homem eloquente, que elle buſcava, e ſó deſcobria na ſua idéa. Sem o ſoccorro da Dialectica (diz elle) como ſe ha de conhecer o genero, e a eſpecie de qualquer couſa? Como ſe ha de explicar, e definir? Como diſtribuilla nas ſuas partes, e julgar o que he verdadeiro, e falſo? Como ſe haõ de ver as conſequencias, prever as contradições, aclarar as duvidas, e tirar o que parecer equivocaçaõ?

Porém miſeravel Dialectica (dizia Quintiliano) a de muitos Oradores; e ainda aſſim atrevem-ſe a apparecer em publico! Toda a ſua ſciencia

cia confiste em difputar fobre tudo, em fe efprayarem em vãs fubtilezas, e em requintarem fobre qualquer coufa. Prefumem defcobrir a verdade, onde a naõ ha; deixaõ a realidade das coufas, para correrem atraz de fombras, e de vãs figuras; ufaõ de efpeciofos fofifmas, em lugar de difcurfos folidos, e populares; em fim defpedaçaõ por toda a parte o objecto fobre que difcorrem, quando o pretendem dividir.

E he efta a Dialectica, que convem ao homem Orador? Por certo que naõ; mas fim huma Dialectica fubtil, viva, e penetrante; que diftinga claramente o verdadeiro do falfo, e com exacta precifaõ fepare tudo o que pertence a hum Argumento, de tudo o de mais que lhe he eftranho. Huma Dialectica, que faiba bem conhecer todas as partes de qualquer Affumpto; que as diftribua, e ponha em ordem, fegundo a connexaõ, e dependencia, que ellas tem entre fi; que tenha a induftria de dividir huma materia, fem a reduzir a partes taõ fubtís, que fujaõ aos olhos mais perf-

picazes,

picazes, e attentos. Huma Dialectica, que ſempre ſe encaminhe ao fim propoſto, ſem uſar de huns certos epiſodios, que cauſaõ faſtio, e fazem perder de viſta o objecto principal. Aquella Dialectica, que ſem violentar o engenho, lhe miniſtra toda a exacçaõ; que tira às expreſsões, e penſamentos toda a eſcuridade, e equivocaçaõ; que determina o verdadeiro ſentido a qualquer couſa com huma idéa clara, e diſtincta; que diſpoem todas as propoſições do diſcurſo em huma ordem taõ natural, que humas couſas naſçaõ das outras, como da ſua fonte; em fim Dialectica, que já mais admitte prova, que naõ ſeja concludente, e invencivel.

Eiſaqui em que conſiſte a verdadeira Dialectica, propria do Orador, a qual (em menos palavras) naõ he outra couſa, ſe naõ a Arte de meditar o homem ſempre ſobre o verdadeiro, e de ſe exprimir, e diſcorrer ſempre com exacçaõ. Eſta he a Dialectica, ſobre a qual fizeraõ taõ longo eſtudo os antigos Oradores Gregos, e Latinos, conſiderando-a como a fonte do

Diſ-

Discurso, e o coraçaõ da Eloquencia. Cicero especialmente foy singular na pratica desta Arte, e para se lhe dar este louvor, bastará ler qualquer de suas Orações.

Sendo pois esta sciencia taõ essencial ao Orador, he lastima, ver como se desprezou nos seculos da corrupçaõ da Eloquencia, e o como ainda hoje naõ fazem della caso muitos, que pretendem o nome de Oradores. Por isso saõ taõ raros os verdadeiros Eloquentes, para a formaçaõ dos quaes (diz Cicero) devem concorrer duas Artes: a primeira he a de comprehender, e a segunda a de se exprimir. Huns pegaõ-se à intelligencia das cousas, outros à das palavras; e daqui vem, que nem estes, nem aquelles chegaõ a possuir a verdadeira, e perfeita Eloquencia. *Alia intelligendi, alia dicendi disciplina est; & ab aliis rerum, ab aliis verborum doctrina quæritur; quo fit, ut veram illam, atque absolutam eloquentiam nemo consequatur.* De Orat.

Quem nesta Arte aspirar à perfeiçaõ, deve applicarse tanto a hum, como a outro estudo: sem elle verse-haõ

haõ Oradores facundos, isto he, de prosa agradavel, e discreta, mas nenhum verdadeiramente eloquente. Já na idade de Cicero, naõ obstante ter nella o seu imperio a solida Eloquencia, corria como certa esta doutrina. *Disertos ait se vidisse multos; eloquentem omninò neminem.* Admira na verdade esta proposiçaõ, dita em hum tempo taõ feliz para a Oratoria; mas della colhemos, que sempre foraõ muy raros aquelles, que pozeraõ todas as suas forças para serem perfeitos na sua Arte.

Porque Demosthenes naõ seguio a ociosidade de outros, antes por longo tempo foy ouvinte de Plataõ, por isso levou o principado entre os Oradores Gregos. Igualmente Cicero antes de entrar na carreira da Eloquencia, estudou com os mais famosos Filosofos, e confessa, que se chegou a ser Orador, muito mais o deve às Academias Filosoficas, que às Escolas Rhetoricas. *Fateor me Oratorem, si modò sim, aut quicumque sim, non ex Rhetorum officinis, sed ex Academiæ spatiis extitisse.* Destas doutrinas, e exemplos,

emplos, que deixamos expendidos, ſe ſegue com evidencia, que naõ póde haver bom Orador ſem a luz da Dialectica. Se ſe ignorar eſta ſciencia, produzirſehaõ ſempre huns Diſcurſos ſem regra, ſem ordem, e taõ faltos de principios, como de força. O peyor he, que muitas vezes até lhes ha de faltar a verdade. E que caſo ſe deve fazer de huns taes Diſcurſos?

Toda a Oraçaõ, que naõ he mais que hum tecido de penſamentos ajuſtados, exactos, verdadeiros, e fortes, he huma Oraçaõ pouco boa, ſe lhe faltar o ſoccorro da Dialectica; porque ſem ella naõ ha aquelle admiravel tecido, em que conſiſte a verdadeira força do Diſcurſo, e a ſolidez do corpo da Eloquencia. Aſſentando niſto, que meyo haverá, para ſaber o Orador, ſe he, ou naõ boa a ſua Oraçaõ? O meyo unico he fazer della huma exacta analyſe, examinando todas as ſuas partes, vendo a connexaõ, e dependencia, que ha entre ellas, ſeparando as couſas das palavras, e conſiderando-as deſpidas de todo o ſeu ornato. Se depois de tudo iſto naõ vir

ſubſiſ-

ſubſiſtir ainda a continuaçaõ dos penſamentos, e diſcurſos, naõ eſpere o juizo do publico; julgue elle meſmo, ſentenciando, que he má a ſua Oraçaõ. A analyſe he huma eſpecie de cryſol, no qual ſó fica o bom ouro, e tudo o que lhe he eſtranho, ou ſe evapora, ou ſe reduz a fezes.

Porém aſſim como o Orador deve ſer Dialectico, aſſim deve igualmente moſtrar, que o naõ he. Ha de ſe encobrir, quando falla como eloquente, de maneira, que no parecer do auditorio ſó ſe ouça o Orador, e naõ o Filoſofo. O Dialectico tem ſua linguagem, que naõ convem ao caracter Oratorio; porque contentando-ſe com as couſas que diz, pouco cuida no modo, com que as diz. Porém o Orador poem igual cuidado no que diz, e no modo, com que o exprime. Hum falla com ſecura, outro com abundancia; hum explica-ſe com ſimplicidade, outro com imagens, e figuras. O Dialectico ſó repreſenta a verdade núa, ſem ornatos, nem enfeites; o Orador naõ goſta de a pôr em publico, ſe naõ com a decencia dos adornos.

E

E donde nafcerá tanta diverfidade de linguagem ? Da diverfidade do fim, que tem hum, e outro. O fim do Dialectico he fó inftruir, allumiar o entendimento, e demonftrar a verdade. O Orador fim quer igualmente inftruir, allumiar, e demonftrar; mas quer tambem perfuadir, obrar no coraçaõ, e dominar na vontade; e para confeguir efte fim ajunta à fubtileza, e exacçaõ do Dialectico a força, e fogo dos affectos, a fublimidade dos penfamentos, a belleza das expreffões, e a abundancia das palavras. Donde tirará por conclufaõ o noffo Orador, que a Dialectica lhe he precifamente neceffaria; mas que nos feus Difcurfos a ha de encobrir. Eftá obrigado a difcorrer como Filofofo; porém a fallar como Orador: aliás ferá a fua Oraçaõ huma difputa das Aulas, e naõ huma obra da Eloquencia. Quantas Orações ha deftas, e por iffo fecas, efcuras, melancolicas, e prolixas!

MA-

MAXIMA XVI.

Id enim eſt ſummi Oratoris, ſummum Oratorem populo videri. Cicer. de Orat.

OH como ignora eſta Maxima huma grande parte dos Oradores modernos! Naõ quero excluir ainda aquelles, que desfrutaõ os primeiros applauſos. Sim tem muitas qualidades, que a Arte requer; mas faltalhes a principal, que he ſerem *populares*. Dizem as couſas por hum modo puro, elegante, e mageſtoſo; mas naõ as dizem por hum modo, que as perceba bem o povo. Voaõ lá por alta esfera, e o pobre auditorio eſtá cá na baixa regiaõ, ſem diviſar os voos do Orador. Elle ſim ouve o ſom harmonioſo da voz, ſim vê a formoſura do geſto, o fogo da pronunciaçaõ, e às vezes ainda paſſa a diante, porque ſe admira, e applaude; mas de que? Naõ o ſabe dizer.

Ora eſte eſtylo de Oradores he em

em extremo viciofo ; porque o auditorio naõ he o que ha de chegar à esfera do Orador ; efte he que deve defcer para fe igualar com os ouvintes, accommodando-fe à intelligencia de todos ; e entaõ he que he verdadeiro eloquente. O final mais feguro, e infallivel (diz Cicero no lugar que citámos) de fer grande hum Orador, he julgallo a multidaõ por tal. A perfeiçaõ da Eloquencia confifte em hum certo gráo de impreffaõ, e fentimento, que ella faz no entendimento, e no coraçaõ : ora quando todos os ouvintes fe fentem penetrados, e commovidos até efte tal gráo, he certo que o Orador fez na multidaõ tudo quanto era capaz de fazer a perfeita Eloquencia.

Inftruir, agradar, e mover faõ os tres pontos, a que fe reduzem todas as obrigações da Oratoria. Saber o como, e porque meyos fe deve fazer ifto, fó pertence aos Meftres da Arte ; porém faber, fe o Orador realmente faz ifto, o auditorio he quem o ha de decidir, e a fua decifaõ fobre tal materia he hum juizo fuperior, do qual fe

ſe naõ póde appellar. *Efficiatur autem ab Oratore , nec ne , ut ii , qui audiunt , ita efficiantur , vulgi aſſenſu , & populari approbatione indicari ſolet.* Cic. de Orat. Falla hum Orador na preſença de numeroſo auditorio ; cada hum eſtá attentamente a ouvillo ; tem-ſe por verdadeiro quanto elle diz ; ſentem-ſe as almas arrebatadas de hum eſpecial deleite , e no meſmo tempo ſe ſentem commovidas , e perſuadidas daquellas verdades , que ſe lhes intimaõ. Quando hum homem eloquente conſegue iſto , ſaiba , que de doutos , e ignorantes ha de ſer applaudido ; porque neſte caſo todos concordaõ em ſeus juizos. *Quod enim probat multitudo , hoc idem doctis probandum eſt. Hoc ſpecimen eſt popularis judicii , in quo nunquam fuit populo cum doctis , intelligentibuſque diſſentio.* Idem.

Aſſim como pelo ſom , que vem das cordas de hum inſtrumento , ſe conhece a pericia do meſtre , que as toca ; aſſim pelos affectos , que a Oraçaõ incita nos animos , ſe conhece o merecimento do Orador ; de modo que para o conhecer , naõ he preciſo mais

do que ouvillo, e obſervar a maneira, com que a multidaõ o ouve. Se quando em Roma Craſſo, e Antonio contendiaõ ſobre a palma na Eloquencia, ſe perguntaſſe ao povo Romano, qual dos dous foſſe mais eloquente, ou ſuſpenderia a deciſaõ, ou huns diriaõ, he Antonio, outros, he Craſſo. Mas atrevo-me a affirmar (conclue Cicero) que nenhum haveria, que os pozeſſe inferiores a Filippe, aquelle Orador, aliás taõ polido, taõ agradavel, e taõ doce.

Cantay para mim, *e para as Muſas*, (dizia hum grande meſtre a hum ſeu diſcipulo, a quem ouvio cantar friamente ao povo) e eu te digo, meu Bruto, o meſmo (dizia Tullio) quando fallares em publico, *falla para mim*, *e para o povo*; para o povo, que ſentirá as impreſsões, que nelle fazes, e para mim, que conhecerey o modo, e o fim porque fazes as taes impreſsões. Deſta doutrina ſe colhe tambem, que poſto que os doutos, e ignorantes todos percebaõ o que he *popular*; com tudo ha grande differença entre hum, e outro juizo. O ouvinte intelligente naõ

naõ ſó ſe ſente arrebatado, e commovido, mas conhece no meſmo tempo os occultos meyos, com que o Orador eloquente produzio nelle aquelles fortes, e varios affectos. Porém para o ouvinte ignorante todos eſſes meyos ſaõ outros tantos myſterios: ſim ſente na ſua alma as meſmas couſas, que ſente o douto; mas naõ ſabe dizer, de que induſtria ſe valeo a Arte para nelle produzir taes effeitos. Com tudo huns, e outros naõ deixaõ de formar huma meſma idéa, e o juizo do ignorante he taõ infallivel, como o do intelligente; porque as idéas, as expreſsões, os penſamentos, a linguagem do Orador tudo foy *popular*.

Concluamos pois, que nunca o Orador chegará a ter a reputaçaõ de excellente, em quanto o parecer ſó aos doutos. Eſtes naõ ſaõ os que compoem a multidaõ, e à multidaõ he que elle deve querer parecer grande Orador, para na realidade o ſer. O Meſtre da Eloquencia Romana eſtava taõ perſuadido diſto, que dizia: „ Muito eſtimo a approvaçaõ dos „ doutos, tratando de outras Artes;

,, mas na Oratoria quero a approva-
,, çaõ do povo. *Eloquentiam autem meam populo probari velim.*

Lembro-me, que Antimaco, famoſo Poeta, lendo hum dia certa Poeſia ſua a hum numeroſo auditorio, vio que eſte pouco a pouco o fora deixando, e que ſó ficara Plataõ. ,, Naõ importa (diſſe elle) continua-
,, rey a ler, porque Plataõ ſó per ſi
,, val por hum auditorio inteiro. Approvo, diz Tullio, a reſoluçaõ deſte Poeta; porque hum Poema naõ he obra accommodada à capacidade de todos, antes excede a commua intelligencia; e aſſim contenta-ſe com ter hum pequeno numero de approvadores. Mas hum Diſcurſo feito em proſa, ſegundo as regras da Eloquencia, deve eſſencialmente ſer popular, iſto he, proporcionado às idéas do povo. *Poema reconditum paucorum approbatione; Oratio popularis ad ſenſum vulgi moveri debet.* Se o caſo ſuccedeſſe a Demoſthenes, eſtou certo, que vendo-ſe ſó com Plataõ por ouvinte no meyo de Athenas, havia emudecer para logo, e deixar o lugar, porque à multidaõ he,

he, que elle dirigia o ſeu Diſcurſo. Deſenganem-ſe pois muitos dos Oradores modernos, e tenhaõ por Maxima irrefragavel, que naõ ſe dá verdadeiro Orador ſem o caracter de *popular*; porque tendo por officio, ou por goſto fallar em publico, deve dizer ſempre couſas accommodadas a perſuadir, e deleitar o publico; e eſte naõ ſe póde deleitar, e menos perſuadir, ſenaõ entendendo bem, o que ſe lhe quer intimar.

MAXIMA XVII.

Mihi aliam quandam habere naturam videtur ſermo vulgaris, quàm viri eloquentis Oratio. Quintil. l. 12. c. 10.

SUppoſta a doutrina, que deixamos eſtabelecida, he preciſo agora prevenir o noſſo Orador com huma nova reflexaõ, para que naõ forme huma falſa idéa da *Eloquencia popular*, perſuadindo-ſe, que eſta excellencia Ora-

Oratoria consiſte no fallar baixo, e humilde, como mais proporcionado à percepçaõ do auditorio ignorante. Do popular ao baixo, e humilde vay huma diſtancia infinita; porque o fallar do povo, e o do homem eloquente (como diz Quintiliano) ſaõ couſas de natureza diverſa. O que he verdadeiramente humildade de fraſe, e de eſtylo, he couſa, que de nenhum modo póde ſoffrer a Eloquencia; antes ama tudo o que he nobre, elevado, e grande, com tanto que reſpire naturalidade eſta elevaçaõ, e nobreza.

Daqui veraõ quanto eſtaõ enganados aquelles, que tomaõ o *popular* ou por huma ruſticidade de dizer, ſemelhante à do vulgo, ou por hum certo fallar familiar, dizendo as couſas como em tom de converſaçaõ. Fallaõ aos ouvintes (digamos aſſim) terra terra, e enchem os ſeus Diſcurſos de comparaçoẽs, e ſemelhanças tiradas de certos objectos, que apreſentaõ ao entendimento imagens plebeas, e ruſticas. Deſte modo aſſentaõ comſigo, que tem dado naquelle popular,

pular, que recommendaõ os Meſtres da Oratoria. Parecerá iſto em nós huma couſa livremente dita; mas he em quanto ſe naõ folhearem muitas Orações, que por juſtos motivos naõ apontamos. O peyor he, que entre eſtas levaõ as ſagradas o mayor numero.

Outros (mas poucos) crem, que ſó o ſimples, e natural em huma obra de Eloquencia he, que a faz ſer popular: eſtes ſaõ os que acertaõ. Correm parelhas a ſimplicidade do Diſcurſo Oratorio, e a que tem alguns no commercio do mundo. Chamamos homem de coſtumes ſimplices aquelle, que nada tem de affectado, de artificioſo, e de hypocrita; aquelle que naõ conhece o que he animo fingido, e enganador. Se huma Oraçaõ for deſta natureza, pode-ſe ſeguramente dizer, que he popular, porque tem aquella bella ſimplicidade, que tanto eſtima a ſolida Eloquencia.

Mas como para ſe conſeguir eſta maneira, e eſtylo popular, he preciſo, que o Orador retrate a dita ſimplicidade em muitas partes da ſua Ora-

çaõ,

çaõ, ſerviço lhe faremos, ſe lhe apontarmos os eſpeciaes lugares. Primeiramente deve brilhar eſta virtude na *unidade* do Diſcurſo; pois bem ſimples he a couſa, que he huma ſó. Tudo deve encaminhar o Orador a hum meſmo fim; de maneira, que naõ poſſa diſtrahirſe o entendimento, e attençaõ do auditorio com os multiplicados deſenhos; e neſta uniaõ de partes em hum ſó ponto, he que conſiſte grande parte do primor, que tem a Arte de bem fallar.

Igualmente he recommendavel a ſimplicidade nas *Deſcripções*, *Narrações*, e outras partes Oratorias, em que os ornatos tem mais dominio. Naõ ſe devem eſtas ornar com exceſſivos adornos. Huma formoſura deixa para logo de o ſer, quando ſe enfeita em demaſia. Taõ grande he eſte vicio, que ſe foſſe neceſſario o orar ou com muitos ornatos, ou quaſi ſem elles, neſte aperto digo, que menos máo ſeria orar com falta de adornos, do que com exceſſo delles; e a razaõ he de Cicero: *Quòd cum in pleriſque, tum in hoc genere, nimium quod eſt, offendit*

fendit vehementius , quàm id quod videtur parum. Menos offende na Eloquencia o pouco , do que o muito , e o exceſſivo.

Os ornatos em hum Diſcurſo eloquente ſaõ como os diamantes em hum veſtido : eſte ſim fica mais rico ; mas a peſſoa nem por iſſo fica mais formoſa. Aſſente-ſe pois , em que o uſo dos adornos da Eloquencia deve ſer parco , e modeſto ; porque uſando-ſe delles com prodigalidade , e ſem medida , em vez de dar realce à belleza , eſcurecem-lhes aquellas luzes , que lhes dá a gala natural , e ſimples. Além diſto , deve igualmente ſaber o Orador , que ainda eſſe pouco , com que lhe he permittido ornar as ſuas Orações , naõ ha de ſer taõ vivo , e ſcintillante , que offenda os olhos do entendimento de quem o ouve. Ha de imitar os excellentes pintores , que nunca em ſeus paineis uſaõ de cores taõ vivas , que dem na viſta , e façaõ huma deſagradavel impreſſaõ : ſaõ ſimplices no colorido , e ſe tem alguma viveza , nunca excede a que he natural.

A

A *Confirmaçaõ* , e *Confutaçaõ* he igualmente hum lugar Oratorio , em que a ſimplicidade deve reluzir. Querſe, que nellas ſejaõ as *Provas* ſimplices, fugindo-ſe de todas as que forem eſquadrinhadas, e eſtranhas ao Argumento. Querſe , que ſejaõ taõ naturaes , que pareça , que per ſi meſmas naſceraõ nas mãos do Orador , e expoſtas com tanta pureza , deſembaraço, e diſtincçaõ, que naõ confundaõ aos ouvintes. Vaõ por caminho direito, ſem giros de palavras, e torcicollos de accommodações violentas ao fim pretendido. Quantos Oradores ha , que fazem hum amontoado confuſo , e indigeſto de tudo o que (digamos aſſim) encontraõ pelo caminho, tendo-o por boa prova, com tanto que ſirva para fazer creſcer a Oraçaõ. Oh fuja o noſſo Orador de taõ enorme vicio , taõ contrario à ſimplicidade da Eloquencia , como à das aguas o he a miſtura de corpos eſtranhos.

Por ultimo devia fallar da ſimplicidade no *Eſtylo* ; porém nada direy neſte lugar , reſervando-me para outro

tro mais opportuno. Por ora contentamonos com dizer, que naõ he o dia taõ oppoſto à noite, como à affectaçaõ he oppoſta a ſimplicidade do eſtylo Oratorio. As couſas demaſiadamente ajuſtadas, e medidas naõ as pódem ſoffrer na Eloquencia aquelles raros juizos, que poſſuem o ſegredo do bom goſto. Eiſaqui humas das fontes, donde o Orador póde extrahir o caracter de *Popular*, taõ indiſpenſavel nas ſuas Orações, como recommendado pelos primeiros Meſtres. Eiſaqui igualmente moſtrado, que o popular naõ conſiſte em hum dizer ruſtico, e plebeo, ou em hum exprimir as couſas por modo familiar, mas ſim no fallar, e diſcorrer por huma maneira natural, e ſimples.

MAXIMA XVIII.

Quemadmodum erga perigrinos affecti ſunt homines, ita etiam ſe habent erga locutionem. Quare opus eſt reddere orationem perigrinam: res enim externas homines admirantur; jucundum autem eſt, quidquid eſt admirabile. Ariſtotel. de Rhetor. l. 3.

BEm claramente diz o Filoſofo, que he preciſo ao Orador ter huma locuçaõ taõ peregrina, que cauſe maravilha aos ouvintes, e por conſequencia deleite. Com eſta Maxima bem ſe vê, que naõ lhe recommenda outra couſa, ſenaõ o fallar magnifico, e ſublime, dom verdadeiramente do Ceo, e que apenas de ſeculo em ſeculo apparece em algum Orador. Por iſſo o meſmo Ariſtoteles aconſelhava, que quem ſenaõ viſſe com forças da Natureza para voos da alma, deixaſſe de emprender o ſublime; pois nelle naõ ha mediania, que poſſa ſatisfazer aos intelligentes. A verdade he, que

que a mediania no eſtylo ſublime para logo deſcahe em baixeza ; e quem teimar em hir por eſte caminho , infallivelmente proporá ao auditorio fantaſmas em lugar de imagens grandioſas, reduzindo tudo a huma inſoffrivel affectaçaõ de palavras empolladas dignas de todo o deſprezo.

Com tudo, poſto que o fallar ſublime ſeja hum dom da Natureza, como diz o Filoſofo, iſto naõ faz , com que a Arte naõ tenha parte nelle. Tambem eſta contribue muito a polir a Natureza, dando ella a materia, e aquella a fórma. Já preſuppomos para provar eſta doutrina , que no Orador ha de haver algumas ſementes , das quaes com a cultura da Arte poſſaõ ſahir os frutos ſublimes , porque a ſer de outro modo, naõ poderáõ ſubſiſtir as noſſas razões. Iſto ſupposto , que couſa he o *ſublime*, conſiderado em ſi meſmo , e no ſeu principio ? Saõ conceitos mageſtoſos, e penſamentos elevados , que naturalmente produz huma alma naſcida para o grande , e maravilhoſo. Porém iſto ſó naõ baſta : he preciſo de mais re-

reprefentar effes conceitos, e penfamentos, exprimindo-os o Orador de modo, que chegue a introduzir na alma dos ouvintes toda a fua mageftade, e elevaçaõ. Ora ifto fó a Arte o póde fazer; concorrendo com os termos, com as exprefsões, com a ordem, com as figuras, e com as imagens. Tanto he ifto affim, que fe faltaõ eftes foccorros, o que he fublime, quando a alma o concebe, deixa de o fer, quando a boca o exprime.

Affentado pois, em que a Arte he quem dirige rectamente os voos da Natureza na esfera do fublime, e que o Orador (como requer o Filofofo na prefente Maxima) deve faber tomar eftes voos, para levar as admirações dos ouvintes; entendo que naõ lhe farey leve ferviço, fe lhe apontar algumas fontes, donde póde extrahir o recommendado fublime, vifto ter elle diverfas origens, como bem deixou tratado Longino, infigne Meftre nos preceitos fobre efte eftylo. A elle nos encoftaremos para hirmos feguros, fem que nos obriguemos a traduzillo; antes com as fuas doutrinas mifturaremos

remos a de outros, que tambem trataraõ profundamente eſte ponto.

Primeiramente; muitas vezes eſtá o ſublime de hum penſamento na ſimplicidade, com que ſe exprime; de maneira, que deixaria de ſer tal, ſe ſe expozeſſe com termos magnificos, e pompoſos. Por exemplo: *Diſſe Deos, faça-ſe a luz, e a luz foy feita.* Aqui ha hum eſpecial ſublime, que conſiſte na ſimplicidade; porque ſe ſe mudar de expreſſaõ, e ſe diſſer v. g. *O ſoberano Senhor da Natureza com huma ſó palavra formou a luz*: o penſamento ſim he o meſmo; mas onde eſtá aqui o ſublime? No modò com que o diſſe Moyſés ſim; porque em dizer, *faça-ſe a luz, e a luz foy feita*, repreſentou ſimples, mas ſublimemente a prompta, e perfeita obediencia da creatura à voz do Creador. He idéa commua no entendimento de todos os homens, que para ſer perfeita a obediencia, naõ deve haver demora do preceito à execuçaõ: mandar, e ſer obedecido, deve ſer huma meſma couſa. Ora para eu me conformar a eſta idéa commua, e para perfeitamente a re-

reprefentar, hey de me exprimir fobre efte ponto de maneira, que cada hum perceba para logo, que naõ ha hum inftante de dilaçaõ entre o preceito do Creador, e a obediencia da creatura. Pois ifto mefmo he o que fez Moyfés por hum modo claro, e fimples, mas cheyo de fublime energia, dizendo: *Fiat lux*, *&* *facta eft lux*.

Ha outra fonte do fublime, que confifte em huma abundancia de palavras, a qual fempre vay a crefcer, a defcobrir, e a fazer fentir toda a grandeza do objecto. Tambem ha fublime, que vem de outra origem, ifto he, do impeto, e vehemencia, com que fe exprimem as coufas grandes, e com que fazem arrebatar para onde querem, o animo do auditorio. Sirvaõ de prova defta diverfidade Demofthenes, e Cicero. Hum he grande em fer concifo, outro em fer diffufo. Demofthenes (diz Longino) he femelhante a huma tempeftade, na qual os rayos devaftaõ tudo: Cicero he à maneira de hum grande incendio, que tudo quanto encontra, devora,

vora, e conſome. O ſeu fogo já mais ſe apaga, antes lavrando por toda a parte, vay ſempre tomando novas forças, à medida do caminho, que vay vencendo. O *ſublime* do Orador Grego he muy proprio para as exaggerações fortes, e affectos violentos, quando he neceſſario abater, e atemoriſar o animo dos ouvintes. O *ſublime* do Orador Romano deve preferirſe, quando for preciſo inſinuar alguma couſa no coraçaõ do auditorio, ou penetrar a ſua alma de hum ſuave orvalho.

As Figuras da Rhetorica ſaõ igualmente huma copioſa mina, donde o Orador póde ou extrahir o ouro do ſublime, ou darlhe com elle hum maravilhoſo realce, ſe com deſtreza ſe ſervir dellas, e lhe imprimir todo aquelle caracter neceſſario para ellas conſervarem a ſua grandeza. Saõ como hum veſtido de boa eleiçaõ, que dá mayor realce à formoſura, de quem o veſte. Eſtou para affirmar, que ſó ſaõ bellas as Figuras da Eloquencia, quando o ſublime he quem as reveſte; porque eſte eſconde todo o

artificio dellas. Nunca huma Figura (diz Longino) vem a fazer na Oraçaõ o ſeu devido effeito, ſe faz pompa do ſeu artificio, porque deſconfia o auditorio, entendendo, que o Orador o quer enganar, e ſorprender. Ora para encobrir eſte defeito trivial das Figuras, naõ ha couſa mais accommodada, que o ſublime. E a razaõ he; porque encobertas (digamos aſſim) com as grandes luzes, que nellas, e no animo dos ouvintes derrama o ſublime, deſapparece todo o ſeu artificio; bem como à viſta do Sol o reſplendor das Eſtrellas.

Em hum Diſcurſo eloquente certas circunſtancias bem eſcolhidas, e nobremente expreſſadas contribuem tambem muito para o ſublime. Por duas razões; huma porque aſſaltaõ, e ferem com viveza o animo do auditorio; e outra porque daõ mais alma ao objecto, que ſe ha de pintar, e o reveſtem de toda a grandeza preciſa para fazer impreſſaõ. Mas he neceſſario, que o Orador tenha hum grande cuidado de naõ entrar em certas particularidades ou baixas, ou ſuperfluas; por-

porque ſe vem a perder a bondade de tudo o mais, occupando o tempo em miudezas indignas.

Inutil he dizer, que huma imaginativa ardente, e elevada he tambem huma grande fonte do ſublime; porque iſto entendo, que nem o ignora o Orador principiante. E quem naõ ſabe, que ſempre ſahe à luz com producções maravilhoſas huma imaginativa, que com o freyo da Arte ſabe à força de hum vehemente enthuſiaſmo, e de huns movimentos extraordinarios do eſpirito, pintar as couſas de tal modo, que pareça, que o Orador as eſteja vendo com os proprios olhos, e que as faça tambem ver aos que o ouvem? Eſtas pinturas vivas, e naturaes formaõ hum ſublime, que anima, e inflamma a Oraçaõ, e ſe com arte ſe miſtura nas Provas, naõ ſó perſuade, mas doma, e cativa aos ouvintes. Deixemos tambem em ſilencio moſtrar, que aquella ordem, e compoſiçaõ das palavras, que dá harmonia a hum Diſcurſo eloquente, ſerve de hum grande ſoccorro ao ſublime; porque já em outro lugar a-

pontámos, que Cicero dizia resolutamente, que os rayos de Demosthenes feririaõ muito menos, senaõ lhes désse força a harmonia do seu dizer.

Por conclusaõ, o pathetico he aquelle campo, em que o sublime triunfa, e apparece com toda a sua pompa; porque diz Santo Agostinho, seguindo a todos os Mestres da Eloquencia, que o que distingue o genero sublime do mediocre, he especialmente a vehemencia dos affectos: *Grande dicendi genus hoc maximè distat à temperato, quòd non tam verborum ornatibus comptum est, quàm violentum animi affectibus*, l. 4. de Doct. Christ. E na verdade naõ ha cousa que dê tanta alma à Oraçaõ, como he hum affecto bem movido. Pode-se dizer, que he huma especie de enthusiasmo, que anima o Discurso, e lhe dá hum vigor de algum modo sobrenatural, e divino. Cada Oraçaõ de Demosthenes, e Cicero, e cada Homilia de S. Joaõ Chrysostomo, saõ huma prova evidente desta verdade.

MA-

MAXIMA XIX.

Debet Orator erigi, interdum etiam efferveſcere, efferri, ac ſæpe accedere ad præceps. Plin. l. 9. ep. 26.

DO que deixamos dito, eſpecialmente nos dous ultimos §§., entramos a temer, que o Orador perca o animo, propondoſe-lhe a grande difficuldade de chegar àquelle ſublime, que provêm de huma imaginativa ardente, e elevada, ou de hum pathetico exprimido com viveza. Oh que iſto ſeria huma acçaõ indigna, e affrontoſa para a Eloquencia! O Orador huma vez, que ſe conheceo com dons naturaes para o ſublime, e no meſmo tempo ſabe o que a Arte preſcreve para eſſes dotes terem força, e viveza, de nenhum modo deve deſanimarſe de emprender huma empreza, da qual depende todo o credito do ſeu nobre officio. Antes pelo contrario deve coſtumar a ſua alma aos raptos de hum regulado enthuſiaſmo,

e de

é de hum eloquente furor, que o faça difcorrer em coufas grandes, e nellas exprimirfe com grandeza.

Que mal lhe póde fucceder difto? Cahir em alguns erros de eftylo? Faça por evitallos, que a Arte para tudo o foccorre com regras. Mas em fim fe cahir nelles, naõ fe acovarde, que he mil vezes melhor cometter algum erro em eftylo, e voar ao *fublime*, do que naõ peccar na pureza, e elegancia do dizer, e hir pelo *Mediocre.* Parece-lhe ifto abfurdo? Pois confulte ao grande Meftre defta Arte, cuja authoridade he entre os eloquentes de fummo pezo.

O fublime (diz Longino) he como huma immenfa riqueza: quem a poffue, naõ póde ter nella hum cuidado taõ exacto, que naõ fe lhe defencaminhem algumas fommas: a fua mefma abundancia precifamente faz, com que fe efqueça dellas. Só hum engenho mediano he que com facilidade naõ errará. Naõ fe arrifca a levantar voo, e affim naõ he facil o cahir. Pelo contrario, a hum engenho grande a fua mefma elevaçaõ, e grandeza

o poem

o poem em perigo de precipicio. Já Quintiliano dizia, que antes elle quereria dormitar como Homero, do que eſtar ſempre àlerta como os Poetas medianos.

Repare o Orador na Maxima de Plinio, que dá motivo a eſta reflexaõ, e verá, que no dizer deve ſer elevado atè chegar ao precipicio. O caminhar por lugares eminentes, naõ ha duvida, que tem grandes riſcos: expoem-ſe a cahir de deſpenhadeiros, como forçando-o à queda o eſtreito, eſcabroſo, e deſamparado caminho. Pelo contrario, ſeguro he hir por eſtradas planas, e trilhadas; mas he andar por valles baixos, e eſcuros. Os que ſe vaõ arraſtrando, naõ ſe arriſcaõ a cahir, como os que correm; mas aquelles em naõ cahir, nenhum louvor merecem; eſtes he que conſeguem alguma gloria, ainda que cayaõ. Saõ penſamentos do meſmo Plinio: *Plerumque altis, & excelſis adjacent abrupta. Tutius per plana, ſed humilius, & depreſſius iter. Frequentior currentibus, quàm reptantibus lapſus . . . . Sed his non labentibus nulla laus; illis non-*

nulla

nulla laus, etiamsi labantur, l. 9. ep. 25.

No caminho da Eloquencia os precipicios saõ os que augmentaõ a gloria do Orador. *Eloquentiam nihil magis, quàm ancipitia, commendat*, diz o mesmo Author. E na verdade com que attençaõ, e ao mesmo tempo com que pasmo naõ olhamos para aquelles, que (digamos assim) se suspendem no ar, e que parecendo, que cahem a cada instante, todavia se sustentaõ, e fazem por naõ cahir? O que ordinariamente se admira mais, he o que naõ se espera, e o que em certo modo assusta com as grandes difficuldades, que o acompanhaõ.

Naõ se admira a sciencia de hum piloto, quando o mar está em calma; entra no porto, e ninguem o louva: mas na tormenta, quando tudo he confusaõ, e desordem na náo, todos lhe applaudem a sciencia, e o comparaõ com os Deoses do mar. Naõ ha pessoa a quem naõ faça especie huma cousa extraordinaria, sendo até hum certo ponto, e medida; isto he, emprendendo-a sujeito, que sabe bem discernir, se a tal cousa se funda em ver-

verdadeira magnificencia, ou em grandeza deſmedida; ſe a altura he regulada, ou monſtruoſa; em fim ſe tem por ſublime, o que ſó he affectadamente empollado. Tudo iſto ſaõ doutrinas do Author acima citado, onde diz: *Tunc ille* (nauta) *clarus, & maximè Diis maris proximus .... Acri intentione dimicandum eſt, immodicum ſit, an grande, altum, an enorme*, ibid.

Do que fica dito conclua o Orador, que ſe na Eloquencia naõ tiver ouſadia, arrojando-ſe a couſas arduas, e ainda perigoſas, nunca o ſeu eſtylo merecerá dignamente o epitheto de ſublime. Por melhor que ſeja em outro qualquer genero, v. g. em deſcrever coſtumes, em fallar com propriedade, e em ſe exprimir com delicadeza, e elegancia; todo eſſe merecimento conſiſte em ſe diſtinguir no genero *Mediano*, e eſte, por mais perfeito que ſeja, nunca chegou a fazer hum grande Orador. E a razaõ he clara; porque, por mais perfeiçaõ, que ſe dê ao caracter do *Mediano*, nunca ſe poderá fazer, com que chegue àquelle grande, àquelle maravilhoſo,

e di-

e divino, que he o que move, penetra, e arrebata aos ouvintes.

MAXIMA XX.

Affectationis maximè cavenda ſuſpicio eſt.
Quintil. l. 9. c. 4.

TEmpo he já de evitarmos ao Orador hum perigo, em que facilmente poderá cahir, ſuppoſta a doutrina da Maxima antecedente. Vendo elle, que nella ſe lhe aconſelha o voar taõ alto, que até às vezes chegue a perigar, voará talvez tanto em demanda do ſublime, que verdadeiramente caya no affectado, como dizia Horacio: *Profeſſus grandia turget.* Ora eſte vicio taõ abominado da ſolida Eloquencia, que até a ſuſpeita delle (ſegundo Quintiliano) ſe deve evitar na Oraçaõ, darnosha materia para a preſente reflexaõ.

Se me perguntarem, qual ſeja no Orador o vicio mais damnoſo, reſolutamente reſponderey, que a ambiçaõ. Quer

Quer ſempre oſtentar o ſublime, e que faz? Naõ deixa parte alguma da ſua Oraçaõ, em que naõ meta (digamos aſſim) à cunha pedaços de couſas grandes, e prodigioſas, ſem reflectir, ſe o pede a razaõ. Leaõ-ſe os Panegyriſtas, que declamaraõ na idade corrupta da Eloquencia, e a tropel ſe acharáõ deſtes exemplos. Mas para que he recorrer a eſſe ſeculo? Em tempos mais felices para a Oratoria ſe deſcobriráõ baſtantes provas do affectado *ſublime.* O methodo, que ſeguimos, naõ he de apontar exemplos; com tudo lemos hoje hum em Floro, que por breve naõ duvidamos darlhe aqui lugar.

Falla da extenſaõ das Conquiſtas dos ſeus Romanos, e devendo contentarſe com dizer, como fizera Sexto Rufo, *que o Imperio de Roma ſe extendera até ao Oceano, por conquiſtar Decimo Bruto toda a Heſpanha: Hiſpanias per Decimum Brutum obtinuimus, & uſque ad Gades, & Oceanum pervenimus;* tentado com o ſublime, quiz tomar voo alto, e diſſe: *Decimus Brutus aliquantò latius Gallæcos, atque omnes Gal-*

laciæ

laciæ populos, formidatumque militibus flumen oblivionis, peragratoque victor Oceani littore, non prius ſigna convertit quàm cadentem in maria ſolem, obrutumque aquis ignem non ſine quodam ſacrilegii metu, & horrore deprehendit. Creyo, que até o leitor do goſto mais corrupto ha de achar eſta narraçaõ ſummamente affectada, pelas circunſtancias prodigioſas com que Floro a teceo. Imaginou, que os Romanos chegando com ſuas Conquiſtas às Heſpanhas, tremeraõ ao ver o Oceano, julgando-ſe ſacrilegos em preſenciar o Occaſo do Sol, quando elle naquellas aguas ſepulta o ſeu fogo.

Eiſaqui o que na Eloquencia ſe chama *inchaçaõ*, e naõ *ſublime*, à maneira da hydropeſia comparada com a ſolida groſſura de hum corpo ſaõ, e robuſto. O caracter ſublime he couſa ſummamente difficil; e bem ſe vê a ſua difficuldade, quando qualquer pretende ſubir de eſtylo, e continuar por longo tempo no meſmo voo. A elevaçaõ, que provem da grandeza das expreſsões, naõ he taõ difficultoſa; todo o ponto eſtá, em que a materia,

que

que ſerve a eſtas expreſsões , tenhaõ em ſi grandeza. Se a naõ tiver , e lha quizer dar o Orador , temo-lo para logo cahido em huma affectaçaõ , que o faz ridiculo , e digno de deſprezo. O anaõ por eſtar no mais alto de hum monte , nem por iſſo avulta mais no corpo , antes a altura, em que ſe poz, lhe moſtra mais a meſquinhez , e ridicularia da ſua eſtatura.

Por beneficio de huma fraſe empollada, e apparentemente brilhante, bem poderá elevarſe huma couſa de ſi humilde ; mas depreſſa virá a cahir no ſeu nada , tirando da ſua elevaçaõ o moſtrarſe àquelles , que naõ perceberiaõ a ſua baixeza , ſe ella ſe contentaſſe com a ſua vil condiçaõ. Aquelle , que poem todo o ſeu cuidado em dar a todas as couſas hum ar de grandeza , reveſtindo-as de palavras magnificas , e pompoſas , faz com que quem o lê , ou ouve , entre na ſuſpeita , de que elle com aquelles deſperdicios quiz encobrir a baixeza de ſeus penſamentos. Neſta duvida poem-ſe a fazer nelles huma exacta inſpecçaõ , e acha hum corpo ſordido , e mirrado,

mas

mas cuberto de preciofo veftido.

Por experiencia fe vê (diz Quintiliano) que os pequenos de eftatura affectaõ parecer grandes, e que os fracos faõ os mais prefumidos de valentes. Pois o mefmo fuccede com os engenhos debeis, e rafteiros; quanto mais o faõ, tanto mais affectaõ parecer elevados, e fecundos. *Quo quifque ingenio minus valet, hoc fe magis attollere, & dilatare conatur, & ftaturâ breves in digitos eriguntur, & plura infirmi minantur.*

Longino fallando da inchada affectaçaõ do fublime, deixou-nos viviffimas comparações. Entre todas tenho por mais expreffiva aquella, em que compara o Orador affectadamente elevado em coufas pequenas a hum Mufico, que abriffe huma grande boca para tocar huma pequena frauta; e conclue, que nenhuma coufa he taõ difficil na Eloquencia, como o evitar a affectaçaõ; porque os homens em todas as coufas naturalmente bufcaõ o grande, e defprezaõ aquellas idéas que faõ triviaes, receando em fuas obras fer accufados de fracos, rafteiros, e fecos. Con-

Concluamos pois, que o Orador, ſe aſpira (como deve) à verdadeira Eloquencia na pratica do eſtylo ſublime, deve fugir de toda a affectaçaõ; porque ſendo affectado, dirá huma puerilidade, perſuadindo-ſe, que diz huma grande couſa; ha de esfriar os ouvintes, quando entende que mais os inflamma. E que mayor frialdade (diz o Meſtre do ſublime) que chamar Gorgias a Xerxes o *Jupiter dos Perſas*, e dizerſe de hum abutre, que he hum *Sepulchro animado*? Que couſa mais fria, do que a expreſſaõ daquelle Orador, que querendo louvar a Alexandre, diſſe, que elle conquiſtara a Aſia em menos tempo, do que gaſtara Iſocrates a compor o ſeu Panegyrico?

As grandes expreſsões (ſegundo já diſſemos) as palavras magnificas, e huma cadencia ſonora, he certo, que convem tanto ao ſublime, como as reflexões ſérias, exprimidas com hum modo engenhoſo, vivo, e ſuccinto, que excite a attençaõ dos ouvintes; mas para iſto he preciſo, que a Materia ſeja digna deſta grandeza; porque de outra maneira vem-ſe logo a cahir

em

em huma inchada affectaçaõ, vicio taõ feyo na Eloquencia, que só a mera suspeita delle he reprehensivel no Orador. E quando o Argumento pede magestade, e pompa de vozes, e pensamentos, tambem he necessario saber darlhe só aquella grandeza, que a elle convem; porque de outro modo vem-se igualmente a cahir no mesmo vicio, ornando huma matrona grave com os enfeites de huma donzella leviana.

MAXIMA XXI.

Habet omnis Eloquentia aliquid commune. Id imitemur, quod commune est.
Quintil. l. 10. c. 2.

EM diversos lugares deste Tratado deixamos estabelecido o estylo, que convem ao Orador, mostrando o como o deve accommodar às materias de que trata, e às occasiões em que falla. Porém agora será preciso mostrarlhe, que naõ obstante a diversida-

de,

de, que ha de haver no eſtylo Oratorio, ha ſempre humas *qualidades*, que ſaõ inherentes, e commuas a qualquer eſtylo, as quaes em todos os modos ſe devem obſervar. Ou ſeja o Orador ſuave, ou forte, florido, ou auſtero no ſeu dizer, ſempre em qualquer deſtes caracteres tem huns preceitos poſtos pela boa Eloquencia, os quaes deve inviolavelmente guardar, como tranſcendentes a todos os generos do eſtylo Oratorio.

A primeira deſtas qualidades he a *doçura* na expreſſaõ das couſas. Chama-ſe ſuave hum eſtylo, quando nelle ha aquella clareza preciſa para que logo ſe perceba o que exprimimos; bem como chamamos doce a huma ſubida, quando a vencemos ſem canſaço. Para o Orador conſeguir eſta doçura, deve pôr eſpecial cuidado em naõ dizer as couſas de hum modo, que ponha em tratos o juizo dos ouvintes. Se eſtes para logo naõ perceberem o que elle diz, e com toda a força, e gala, com que o quer exprimir, já o Orador he reo no tribunal ſevero da Eloquencia.

Contrahindo mais efta doutrina, chamamos fuave a hum eftylo, onde os penfamentos, por fublimes, fubtís, e engenhofos que fejaõ, faõ claros, e exprimidos com pureza da linguagem mais commua entre os polidos; onde he harmoniofa a cadencia, e numero dos periodos, e eftes de huma extenfaõ, que nem cancem a proferir, nem a perceber: em fim onde as Figuras naõ faõ atrevidas, e nimiamente pompofas, antes com deftreza efcondem a Arte. A pronunciaçaõ do Orador clara, paufada, e expedita, contribue tambem muito para efta doçura: em huma reflexaõ feparada trataremos com mais extenfaõ defte ponto; porque temos experiencia, de que muitos Oradores naõ faõ fuaves no feu dizer, pelo mal, com que o pronunciaõ.

A fegunda qualidade commua a todo o eftylo he a *força*. Qualquer coufa, que o Orador profira, para a querer perfuadir, fe a differ com vozes, e expreſsões languidas, naõ conseguirá o feu fim, porque naõ terá ao auditorio (como deve) applicado, e fum-

ſummamente attento. Neceſſita pois de ſe valer de expreſsões breves, mas que ſignifiquem muito, e deſpertem diverſas idéas. Aſſim como as Fallas de Herodoto, e Tito Livio commummente ſervem de exemplo para o eſtylo doce, aſſim as de Thucydides, e Tacito ſaõ o modello para o forte.

A noſſa lingua tambem naõ he pobre deſtes exemplos; mas comparada com a Grega, e Latina he grande a ſua pobreza; porque qualquer deſtas duas linguas tem tanta abundancia de vozes cheyas de tal ſignificaçaõ, que muitas vezes huma ſó palavra inclue em ſi o que na noſſa lingua leva hum periodo inteiro. Daqui vem, ſernos impoſſivel igualar nas Traducções a meſma preciſaõ, e Atticiſmo dos Gregos, e Latinos. Para que naõ nos tenhaõ por encarecidos, lembra-nos (entre muitos) hum exemplo. Diz S. Paulo: *Ego enim jam delibor*, *&c.* Quizémos traduzir iſto em Portuguez com o meſmo enfaſe, e força, e naõ podémos, ſenaõ dizendo: *Eu eſtou como a victima, que para*

ſer ſacrificada , já recebeo a aſperſaõ. Tanto val a palavra *Delibor*.

A terceira qualidade inherente a todo o eſtylo, he a *Elegancia*, iſto he, aquella belleza, que o faz agradavel aos ouvidos alheyos. Eſta qualidade ſerve muito para adoçar alguma aſpereza, ou auſteridade, que naturalmente trariaõ comſigo as expreſsões fortes, e penetrantes. O auditorio, ſe por algum tempo o tem applicado em couſas, que com vehemencia lhe arrebataõ a alma, opprime-ſe, e até chegará a enfaſtiarſe. Para impedir iſto, he neceſſaria a elegancia, e formoſura no dizer, que agrade, e deleite. Os Tropos, e Figuras, como ſaõ as flores do eſtylo, daõ ao Orador hum grande ſoccorro, para poder deleitar, e divertir o entendimento dos ouvintes. Os *Tropos* ſaõ os que fazem, com que ſenſivelmente ſe conceбaõ os conceitos mais abſtractos, fazendo delles huma viva, bella, e agradavel pintura. As *Figuras* deſpertaõ a attençaõ, animaõ ao auditorio, e com hum doce encanto lhe liſonjeaõ as potencias. Em Q. Curcio achará

hum

hum bom modello deſte eſtylo, quem ler as ſuas Falſas.

A quarta qualidade he auſtera; porque he hum *Juizo* ſevero, que lança fóra do eſtylo tudo, o que naõ he abſolutamente neceſſario. Eſte Diſcernimento, e eſta Critica he o primeiro mobil na Arte de bem fallar; de maneira, que ſe o Orador o naõ tiver, naõ eſpere merecer dos intelligentes o nome de eloquente. Elle he o primeiro, que quer a doçura no eſtylo; mas naõ quer, que ſeja effeminada, e languida: quer força, e viveza no dizer; mas naõ a quer com frequencia; porque ſeria como a força dos eſpiritos de cheiro muy activo, que fazem perder a cabeça; o que bem ſe experimenta na quinta eſſencia de Tacito. Em fim o Juizo he o primeiro, que para a Oraçaõ convida os Tropos, e Figuras, querendo que ellas a enfeitem com as ſuas flores; mas tambem dellas naõ quer abundancia; porque iſſo ſeria como imitar no Diſcurſo aquelle Imperador Romano, que depois de convidar alguns amigos à ſua meſa, os affogou com huma chu-

chuva de roſas, que do tecto cahiaõ ſem termo.

A ultima qualidade indiſpenſavel a qualquer eſtylo he ſer accommodado ao Argumento. A eſta *coherencia* ſervem todas as outras qualidades, que deixamos apontadas. A antiga Arquitectura nos dará hum exemplo. Vitruvio, aquelle excellente, e judicioſo Arquitecto do tempo de Auguſto, quando fazia a planta de algum Templo, ſempre accommodava a *Ordem* da ſua ſciencia ao caracter da Divindade, a quem ſe havia dedicar o edificio. Para os Templos de Minerva, Marte, e Hercules ſe ſervia da Ordem Dorica, como a mais ſolida, e ſimples entre todas; julgando, que os ornatos, e pompa das outras naõ convinhaõ à Deoſa da ſabedoria, ao Deos das batalhas, e ao Exterminador dos monſtros. Os Templos de Venus, Flora, Proſerpina, ou de qualquer Ninfa deſenhava-os ſobre a Ordem Corinthia, como mais agradavel, delicada, e cheya de ornatos. Nella a Arquitectura parece que faz pompa da ſua belleza, e por iſſo as ramagens,

e feſ-

e feſtões, que ella admitte neſta Ordem, bem convinhaõ a humas taes Divindades. A Jonica como Ordem, que participa do ſolido da Dorica, e da elegancia da Corinthia, ſó lhe ſervia para os Templos de Juno, Diana, e outros Deoſes, cujo caracter conviéſſe a eſta Ordem.

Eſte juizo, e economia de Vitruvio quizeramos, que imitaſſe igualmente o Orador no uſo do ſeu eſtylo, accommodando-o às materias, de que trata. Se o ſeu Argumento pede ſó ſimplicidade, e ſolidez de Diſcurſo, uſe embora de hum, ou outro ornato, de huma, ou outra expreſſaõ viva; mas todo o ſeu empenho ſeja ſer ſolido, e ſimples. Se a materia pede delicadeza, e adorno, entaõ funde-ſe em hum fallar engenhoſo, e ornado, permittindoſe-lhe como acceſſorio o uſo dos penſamentos ſimplices, e fortes. Ultimamente ſe o Aſſumpto he de caracter, que admitte variedade de eſtylo, uſe della, humas vezes praticando o fallar ſimples, outras o forte, e outras o ornado. Inutil ſerá dizer (porque mil vezes o temos recommendado)

mendado) que tudo iſto ha de governar o *Juizo*, para que ſempre ſe encubra a Arte, e naõ ſe miſture ſem diſcernimento o eſtylo ſuave com o auſtero, o ſimples com o ornado, e o forte com o delicado; porque a haver eſta confuſaõ, fallará o Orador como hum homem aborrecido da verdadeira Eloquencia.

MAXIMA XXII.

Illud Genus oſtentationi compoſitum ſolùm petit audientium voluptatem; ideoque omnes dicendi artes aperit, ut qui ad ſolum finem laudis, & gloriæ tendat. Quare quidquid erit verbis nitidum, figuris jucundum, velut inſtitor quidem eloquentiæ, intuendum, ac pertractanctum eſt. Quintil. l. 8. c. 3.

JA' que o ſeculo he taõ liberal de Panegyricos, eſpecialmente à morte de homens, cujos merecimentos eſtaõ chamando por elogios, juſto ſerá, que façamos ao noſſo Orador algumas refle-

reflexões ſobre eſta materia; para que, quando ſe lhe offerecer hum tal Argumento, ſaiba o como nelle ſe ha de haver o ſeu engenho, o ſeu juizo, e a ſua eloquencia. A obrigaçaõ de hum Panegyriſta anda commummente muito mal entendida: huns entendem, que em deſcrevendo por modo analytico as virtudes, e acções glorioſas do ſeu Heróe, tem ſatisfeito a tudo o que delle pretende a Arte: outros imaginaõ, que neſte genero de compoſiçaõ naõ deve haver eſpecial Eloquencia. Por iſſo naõ ha Academia, onde ſe naõ ouçaõ com frequencia Panegyricos à morte de homens illuſtres; e taõ eſtabelecido eſtá eſte coſtume, que até no ſantuario ſaõ louvados pelos Miniſtros do Evangelho aquelles, que deixaraõ no mundo glorioſa memoria.

Suppoſto eſte conceito, que commummente ſe faz da Oraçaõ funebre, receamos dizer, que (quanto a nós) he a obra mais difficil na Eloquencia: mas porque o naõ diremos reſolutos, ſe foy ſentimento do judicioſo Quintiliano, homem de ſumma experien-

cia

cia na Arte de bem fallar? Hum Panegyrico funebre (fallemos deftes, porque faõ os mais communs) he obra, que tem hum caracter fingular; fe naõ he excellentemente bom, he máo. Naõ admitte meyo: o medianamente bom, que em outros Argumentos he foffrivel, e ainda louvavel, nefta materia naõ fe póde foffrer; porque o publico ha de fatisfazerfe do Orador, até ficar arrebatado, e como fóra de fi; e fe naõ chega a efte ponto, tem razaõ para naõ ficar fatisfeito, e ainda para o naõ louvar.

Parecerá ifto extravagancia do difcurfo; pois ouça-fe o como Quintiliano moftra, que huns taes Affumptos pedem tanta perfeiçaõ. Hum Panegyrico funebre (diz elle) naõ he mais que hum incenfo à gloria dos mortos, e hum motivo para o deleite, e maravilha dos vivos. Efte he o feu principal, e quafi unico fim; ora todas as obras, que naõ fervem fenaõ para a gloria, e para o deleite, paffaõ por más, fe naõ faõ excellentes. Como faõ pouco neceffarias, e pouco uteis ao publico, quem quizer, que elle

elle lhas agradeça, deve fazer, com que o mais bello, e o mais perfeito da Eloquencia ſubſtitua a falta do neceſſario, e do util: ſenaõ, os bons intelligentes as deſprezaráõ, tendo-as por indignas dos ſeus applauſos.

Por iſſo (continúa o meſmo Meſtre) em taes compoſições, como o ſeu principal fim ſe reduz ao deleitavel, deve o Orador uſar de toda a pompa da Eloquencia, e veſtilla com todos os ſeus adornos. Aqui he que tem eſpecial lugar as expreſsões mais elevadas, os penſamentos mais ſublimes, o eſtylo mais vivo, e puro, as Figuras mais bellas, e exornativas, e as Imagens mais maravilhoſas, e magnificas. Em huma palavra, todo o precioſo da Eloquencia ſe deve tirar entaõ dos ſeus theſouros, e fazella apparecer em toda a ſua mageſtade, e grandeza. Só aſſim arrebatará o Orador aos ouvintes, enchendo-os de hum eſpecial deleite, e por conſequencia elles daraõ àquelle Aſſumpto, que he ſó deleitavel, quaſi os meſmos louvores, que guardariaõ para o deſempenho de hum Argumento util, e neceſſario à Republica.

Viſ-

Visto que todos os ornatos da Eloquencia tem nestas Orações taõ especial lugar, porque só se trata de causar deleite, e admiraçaõ no auditorio, convirá advertirmos algumas cousas ao Orador. Primeiramente deve fugir com particular advertencia do uso de Figuras, Imagens, e expressões já usadas, e ditas por outros Panegyristas. A primeira vez, que ellas appareceraõ em publico, excitaraõ a admiraçaõ, e mereceraõ applauso; na segunda já naõ foraõ bem recebidas, perdendo a graça da novidade; depois apparecendo com frequencia vieraõ a enfastiar. Saõ flores bellas, naõ ha duvida; mas com o passar tanto de maõ em maõ, vieraõ a perder a galla, e murcharaõ. Busque pois o Orador, e revolva desde o fundo toda a materia do seu Panegyrico, e verá como descobre huma abundante mina de cousas novas, das quaes possa formar aquellas Figuras, e Imagens, cuja belleza arrebatará aos ouvintes, confessando-a maravilhosa, e nova.

Em segundo lugar, naõ se persua-

da,

da o Orador, que os ornatos, que pedem os Panegyricos, ſaõ aquelles, que formaõ hum eſtylo muito florido, muito compaſſado, e polido. Neſte caſo o florido ſeria languido, e o polido ſeria affectado: por conſeguinte naõ ſatisfaria aos intelligentes, e como os naõ deleitava, em lugar da admiraçaõ acharia nelles deſprezo. Naõ ſaõ eſtes os adornos, que convem ao Panegyrico; ſaõ ſim aquelles, que tem a ſua origem no grande, no ſublime, e no pathetico da Eloquencia. Em huns taes Argumentos he que bem ſe verifica o que dizia Cicero a Bruto: *Eloquentiam, quæ admirationem non habet, nullam judico*; e como ſe ha de cauſar no auditorio eſta admiraçaõ, e deleite indiſpenſavel em Aſſumptos deſte genero? Ha de ſer por ventura com o florido, que logo murcha, e com o nimiamente polido, que logo perde o brio apparente?

Em terceiro lugar, poſto que dizemos, que hum dos fins dos Panegyricos he engrandecer a gloria dos Heróes, iſto naõ ſe deve fazer por hum modo exceſſivo, ſegundo communiſſimamente

ſimamente ſe eſtá praticando. Naõ ſe ha de louvar ſó por louvar, que iſto ſeria indigno do ſevero caracter de hum Orador: ha de ſe louvar o que verdadeiramente he louvavel nos olhos de Deos, e dos homens; nem outra couſa póde cauſar deleite, e admiraçaõ aos ouvintes, e menos gloria verdadeira ao Varaõ, que ſe elogia. E que ſeria, ſe ſe fingiſſem acções, e virtudes, ou ſe encareceſſem por grandes, as que ſó foraõ medianas? Iſto ſeria perder o Orador toda a fé no de mais, que narrara, e todo o conceito de inſtruido nas obrigações da ſua Arte.

Que ſaõ os grandes cargos (dizia Seneca) os primeiros póſtos, a nobreza, a ſciencia, e o valor? Saõ humas couſas vãs, ſe quem as tem naõ lhes dá o ſeu uſo devido. Com eſta doutrina ſolida diante dos olhos entre o Orador a urdir o ſeu Panegyrico: peze em fiel balança os merecimentos, e qualidades do ſeu Heróe, e ſe ellas ſe naõ empregaraõ em ſerviço ou da Religiaõ, ou da Patria, naõ lhes dê o valor, que ellas mereceriaõ, ſe ſe occu-

occupaſſem neſte louvavel uſo ; porque neſte caſo , ſobre fazer injuria à ſeveridade do ſeu officio, ſerá accuſado de mentiroſo , ou ao menos de affectadamente encarecido. Deſte peccado quantos Oradores ha reos!

Tanta he a verdade , que o homem Orador deve reſpirar em qualquer dos ſeus Diſcurſos , que os bons exemplares que temos na materia , de que tratamos , até nos ſeus Panegyricos naõ deixaraõ em ſilencio alguns defeitos do ſeu Heróe ; ſim os moſtraraõ com hum certo véo delicado , e decoroſo ; mas naõ os encobriraõ. Eu neſte ponto naõ me atrevo a dar doutrina ao meu Orador : vejo que taõ perigoſo he callar os defeitos, como o dizellos. Se ſe encobrem , pode-ſe temer, que os ouvintes tenhaõ o affectado ſilencio por falta de ſinceridade : ſe ſe dizem , que prudencia , e cautela naõ he preciſa ? Torno a dizer , naõ dou doutrinas para eſte ponto. Lea o Orador a Oraçaõ do famoſo Bourdaloue nas Exequias do Principe Luiz de Borbon , e a do inſigne Flexier na morte do Marechal

de

de Turene, e se achar, que póde igualar em delicadeza, prudencia, e decoro a estes Oradores, que naõ encobriraõ alguns defeitos do seu Heróe, imite-os, que assim conseguirá causar especial deleite, e maravilha nos ouvintes.

MAXIMA XXIII.

Nihil est ad conciliandum gratius verecundiâ. Quintil. l. 11. c. 3.

ASsim he; nenhuma cousa tem tanta força para conciliar o Orador a amorosa benevolencia do seu auditorio, como hum natural pejo, e modestia; e se esta brilha à luz de hum grande merecimento, entaõ avulta muito mais, e consegue de todos mayor veneraçaõ. Com esta circunstancia succede ao Orador o mesmo, que acontece à formosura; quanto mais he modesta, tanto mais agrada, e encanta. Daqui tira elle outra grande utilidade; porque à medida, que

se

ceſſario? He preciſo, que na Oraçaõ tudo ſeja fácil, tudo natural, e fluido, como requeria Quintiliano: *Illa quidem maximi laboris, ne laborata videantur.* Sim, deve ſer taõ occulto o artificio Oratorio, que cada hum entenda, que naõ entrou a Arte no que diz o Orador; mas que as expreſsões naſceraõ na ſua boca no meſmo inſtante, em que as pronunciou, e os ſentimentos no ſeu coraçaõ no meſmo ponto, em que exteriormente os exprimio. Niſto he que conſiſte a grande Arte, e no meſmo tempo o grande trabalho do Orador, ſegundo a ſentença do ſobredito Meſtre: *Ut etiam ſi elaborata ſint, videatur tota extemporalis Oratio.* Só deſte modo he que com a Eloquencia ſe cauſará admiraçaõ, e eſpanto no auditorio, e naõ ſe ouviráõ cenſuras em lugar de louvores, como diz o mayor Orador Chriſtaõ na Maxima preſente.

Quando na Oraçaõ falta eſte recommendado artificio, antes apparece a Arte com pompoſa oſtentaçaõ, já o Orador naõ eſtá capaz de perſuadir, porque já os ouvintes deſconfiaõ

da ſua ſinceridade, entendendo, que tudo nelle he fingimento, e artificio. He obſervaçaõ naõ menos, que do citado Quintiliano: *Cùm in his rebus cura verborum deroget affectibus fidem, & ubicumque ars oſtentatur, veritas abiiſſe videatur.* Ora com hum animo deſte modo diſpoſto, que ouvinte haverá, que ſe deixe perſuadir?

Hum Orador perſuade (dizia Ariſtoteles no l. 3. da Rhetorica) e outro naõ: e donde virá iſto, ſenaõ de que hum encobre o artificio de ſeu Diſcurſo, e outro advertidamente o manifeſta; donde ſe ſegue, que o auditorio tanto ſe fia deſte, como de hum vinho, que tem confeiçaõ. Por iſſo entre hum, e outro Orador ha tanta differença, quanta ſe obſerva entre a voz de Theodoro Comediante, e a de outros Comicos da ſua companhia. A voz do primeiro he taõ natural, e enganoſa, que naõ parece de hum repreſentante, mas da meſma peſſoa, a quem repreſenta. A voz dos outros he affectada, violenta, e contrafeita; e por iſſo nem cauſa deleite, nem leva applauſo.

Ulti-

Ultimamente rematemos eſta Illuſtraçaõ com hum lugar de Cicero, que abrange bem a preſente doutrina, e as antecedentes. Tomaramos, que o noſſo Orador o imprimiſſe na memoria, e ſe cançaſſe por imitar em tudo o homem, que louva eſte grande Meſtre da Eloquencia: „ Poſſuía Antonio „ (diz elle) huma feliciſſima memoria; „ era taõ deſembaraçado nas acções, „ e as palavras, e penſamentos taõ „ naturaes lhe vinhaõ, que parecia a „ quem o ouvia, que nenhum trabalho tivera em meditar, e deſcobrir „ as provas do ſeu Aſſumpto. Com „ tudo tal era a preparaçaõ com que „ hia, que os meſmos Juizes quaſi „ que naõ podiaõ acautelarſe bem da „ força, e attractivo do ſeu Diſcur„ ſo. *Omnia veniebant Antonio in mentem, eaque ſuo quæque loco. Erat memoria ſumma, actio ſingularis; nulla meditationis ſuſpicio. Imparatus ſemper aggredi ad dicendum videbatur; ſed ita erat paratus, ut Judices, illo dicente, nonnunquam viderentur non ſatis parati ad cavendum fuiſſe.* De clar. Orat.

MAXIMA XXVI.

Probabo primum eum qui, quid deceat, videbit. Hæc enim ſapientia maxima adhibenda eſt Oratori, ut ſit temporum, perſonarumque moderator .... Is erit ergo eloquens, qui ad id, quodcumque decebit, poterit accommodare Orationem. Cicer. de Orat.

,, EU (dizia o inſigne Orador Romano) buſco na minha idéa ,, hum eloquente, a quem naõ poſſa ,, negar a minha approvaçaõ. Neſtes ,, termos ſó approvarey ſobre todos ,, aquelle, que vir o que lhe convem; ,, o que for fiel obſervador dos tempos, e das peſſoas, e o que ſouber ,, accommodar ſua Oraçaõ a tudo o ,, que lhe he conveniente. Eſte tal ,, homem he que eu terey por verdadeiro Orador. E na verdade ſentenciou Cicero com o ſeu ſolidiſſimo juizo; porque aſſim como a exacta obſervaçaõ do que convem na pratica do mundo, conſtitue o perfeito homem civil,

civil aſſim a exacta obſervaçaõ do que convem na pratica de hum Diſcurſo eloquente, conſtitue o perfeito Orador. Ora ſobre eſta *prudencia* Oratoria diremos o que nos lembrar.

Em primeiro lugar, deve-ſe attender muito à circunſtancia do *tempo*, em que ſe falla. Seria couſa ſecca, e faſtidioſa em huma Oraçaõ gratulatoria introduzir hum moral, qual o que ſe ouvia no Portico de Athenas, e na Academia de Roma; e em hum Panegyrico funebre deſpertar eſpecies, que cauſaſſem alegria. A circunſtancia do *lugar* naõ he menos digna de attençaõ. O Diſcurſo, que pede huma Academia, naõ he o meſmo, que convem ao Pulpito; naquella falla-ſe aos engenhos, neſte aos peccadores; naquella quaſi tudo o que ſe diz he para o juizo, neſte quaſi tudo o que ſe ha de dizer, deve ſer para o coraçaõ. De mais, o que convem em Villas, naõ convem em Cidades, e o que he decente em Cidades, nem ſempre o he na Corte, onde he mayor a abundancia de ouvintes cortezãos, judicioſos, e polidos.

A

A circunſtancia das *peſſoas*, a quem ſe falla, merece particular obſervaçaõ. O modo, com que he preciſo dizerſe huma couſa na preſença de certa claſſe de peſſoas, naõ he o meſmo, que convem a outras de diverſa ordem. O que diante de huns foy dito eloquentiſſimamente, na preſença de outros naõ ha de fazer igual effeito. Porém naõ nos demoremos neſte ponto, porque Ariſtoteles na ſua Rhetorica tratou delle com penna bem diffuſa, e Horacio na ſua Poetica, inſtruindo neſta materia ao Poeta, diz quanto baſta para direcçaõ do Orador.

A circunſtancia da *idade* tambem he digna de grande ponderaçaõ. O que convem ao Orador mancebo, naõ he decente ao de annos provectos, como já enſinava Santo Agoſtinho: *Eſt quædam eloquentia, quæ magis ætatem juvenilem decet, eſt quæ ſenilem.* Hum eſtylo ornado, florido, e vivo, hum eſcrupuloſo polimento de Diſcurſo, huns penſamentos mais agradaveis, que ſolidos, humas expreſsões mais pompoſas, que neceſſarias, huma certa abundancia de palavras, hum cer-

to

te fogo de imaginativa, que naõ ſe ſabe ſupprimir, ou abafar; tudo iſto ſe ſoffre, ou, dizendo melhor, tudo iſto agrada em hum Orador mancebo; mas huma idade madura, eſſa pede ornatos mais graves, e bellezas muito mais ſeveras. *Hæc aptiora ſunt adoleſcentibus; in ſenibus gravitatem non habent*, dizia Cicero.

Para naõ cahir neſte vicio o noſſo Orador, cuide com tempo de dar a cada idade o ſeu eſtylo. Se naõ ſe anticipar com eſta cautela, verá diminuida a ſua reputaçaõ ao paſſo que for creſcendo em annos. Em quanto he moço, o ſeu fallar enfeitado ſerá applaudido; mas em contando idade mais ſéria, toda eſſa eſtimaçaõ ſe lhe ha de converter em deſprezo, ſe naõ accommodar o eſtylo aos annos. Ha de ſuccederlhe o meſmo, que àquelle Orador de Roma, do qual nos diz Cicero, que no tempo de mancebo nenhum houvera mais eſtimado, nem mais applaudido; porém que tanto que ſe vira carregado de annos, dos quaes o publico eſperava frutos mais ſazonados, viera a perder a antiga eſtimaçaõ;

ção, e applauso. Elle sempre era o mesmo Hortensio; o seu estylo tinha as mesmas bellezas, os seus pensamentos a mesma viveza, e o seu discurso a mesma gala; mas tudo isto já lhe naõ convinha.

He cousa (dirá o Orador) muy difficultosa o mudar de estylo. Quando o engenho tomou huma certa fórma de se exprimir, custa-lhe muito a livrarse della, e a tomar outra. Assim he; e por isso eu lhe aconselhara, que desde que começa a longa carreira da Eloquencia, formasse logo hum estylo, que fosse de todas as idades, e de todos os tempos. Faça com o estudo por alcançar isto, e naõ se verá reduzido à dura precisaõ de mudar de estylo, empregando unicamente o estudo em o fazer cada vez mais perfeito. Mas qual será o estylo de todos os tempos, e idades? Naõ he outro, senaõ o que recommendaõ os antigos Mestres, e nós em diversas Maximas deixamos estabelecido, como o unico, que pede a solida Eloquencia.

Ultimamente deve attender muito

to o Orador em diſcorrcr ſempre com *Juizo*, e *Razaõ*. Quantos ſe allucinaõ em cuidar, que naõ devem dizer em ſuas Orações couſas que ſejaõ populares! Deſprezaõ como indigno do ſeu juizo tudo o que lhe offerecem as idéas commuas, e vaõ por varedas nunca trilhadas, imaginando, que nunca ſaõ taõ eloquentes, como quando dizem couſas, às quaes naõ poderia chegar o commum dos homens. Deixaõ-ſe arrebatar de hum deſmedido deſejo de ſempre dizerem couſas extraordinarias, ſem ſaberem, que he hum formal delirio iſſo, a que elles chamaõ extraordinario.

Eiſaqui porque he muito mais raro do que ſe cuida, achar hum Orador, no qual ſe verifique o que pretende Cicero na preſente Maxima: *Is erit ergo eloquens, qui ad id quodcumque decebit, poterit accommodare Orationem.* E como ha de ſempre dizer o que convem às ſuas Orações, aquelle homem, que naõ leva em tudo o *Juizo*, e a *Razaõ* por guia do ſeu Diſcurſo? Sem eſta circunſtancia naõ ha Eloquencia; porque o ſer eloquente

con-

confiſte em dizer couſas aptas a perſuadir; e eſtas certamente naõ ſe podem dizer, ſe naõ as inſpirar o diſcernimento, e a razaõ. Naõ he o perſuadir a grande, e difficil obra da razaõ humana? Pois talvez póde-ſe perſuadir a creaturas racionaes com outro meyo, que naõ ſeja o da razaõ? Imprima o Orador com tempo na memoria eſta fundamental verdade; que tudo o que he contrario ao Juizo, e à Razaõ, he directamente oppoſto à Eloquencia, e que he impoſſivel ſer eloquente aquelle, que naõ caminha ſeguro à luz deſtas duas tochas.

MA-

MAXIMA XXVII.

Non alia eſt ratio pronunciationis, quàm ipſius Orationis . . . . illa emendata erit, id eſt vitio carebit, ſi fuerit os facile, explanatum, jucundum, urbanum; id eſt, in quo nulla ruſticitas, neque peregrinitas reſonet. Quintil. l. 11. c. 3.

NAõ ha couſa taõ contraria ao fim do Orador, quanto huma vicioſa pronunciaçaõ. Para ella merecer eſte epitheto, baſta, que naõ ſeja, como diz Quintiliano, regulada, clara, ſonora, e cortezã. Huma grande parte de Oradores perſuade-ſe, que toda a vez, que naõ pronunciaõ ſuas Orações com furia, e violencia, falta-lhes aquella mageſtade, que lhes he devida. Deſte modo eu naõ ſey como ſe póde orar, e menos perſuadir; porque huma pronunciaçaõ, que naõ he regulada, e facil, como recommenda a preſente Maxima, cança logo ao Orador; e huma pronunciaçaõ injucunda, ruſtica,

ca, e extravagante enfaſtia ao auditorio.

Ora como he nos Oradores taõ geral o abuſo de huma pronunciaçaõ furioſa, e violenta, digamos ſobre eſte ponto o que ſentimos, que he o meſmo, que tanto recommendaraõ os antigos Meſtres. A maneira, com que o Orador ha de pronunciar, naõ ha de ſer como a de hum rio, quando corre caudaloſo, que leva tudo comſigo: ha de ſer como huma chuva, que ſerenamente banha, e ſe introduz na terra. Convem à pronunciaçaõ força, e intimativa; mas naõ furia, e violencia. Demoſthenes ſim era forte, e vehemente, quando a occaſiaõ o pedia; mas naõ furioſo, e violento. Eu quero, que o Orador pronunciando moſtre ſempre, que ha nelle fogo; ſe o naõ moſtrar, ha de lhe faltar o auditorio com a attençaõ: porém quero, que o accenda hum fogo brando, e ſereno. Eſta ſerenidade ſempre viva, e animada he (quanto a mim) o mais bello requiſito, e no meſmo tempo a mayor difficuldade na pronunciaçaõ Oratoria.

Por experiencia se vê , que he bem ardua a empreza de unir estes dous requisitos; pois rarissimos saõ os que sabem conservar tranquillidade no dizer , junta com hum fogo indispensavel para se animar, o que se diz. O commum he enfurecerse para logo a imaginativa do Orador, e perder o rumo , à maneira de huma náo exposta à discriçaõ de furiosos ventos. *Ommissâ ratione , ut tulit impetus , passim tumultuantur* , dizia Quintiliano. Outros pelo contrario pronunciaõ com tanta froxidaõ , que causaõ para logo nauzea aos ouvintes ; mas estes saõ mais raros ; porque commummente todos affectaõ demasiado fogo, e viveza , persuadidos , de que este he hum meyo especifico para captarem a attençaõ.

O General de exercito nunca he mais digno de commandar , nem parece mais heróe , como quando no mais forte da Acçaõ, presente em todo o lugar , ordenando tudo , e animando todos , sabe conservar serenidade na alma, e no semblante. O mesmo digo do Orador verdadeiro : nun-

ca

ca elle ſe oſtenta mais Orador, como quando no mayor fogo da ſua Eloquencia, e entre os rayos (digamos aſſim) que por toda a parte deſpede, conſerva huma certa tranquillidade; com a qual moſtra, que naõ ſe deixa dominar do ſeu Diſcurſo, mas que he abſoluto ſenhor da ſua alma.

Quanto mais huma Oraçaõ tem couſas grandes, e concebidas por hum modo vivo, e animado, tanto menos deve ſer o fogo, e viveza da pronunciaçaõ do Orador. E iſto por duas razões: a primeira, porque eſſe grande fogo impede ao auditorio o goſtar, quanto deveria, da bondade, e belleza das couſas, que ſe lhe propoem à viſta. A ſegunda he, porque ſe ao grande fogo da compoſiçaõ ſe ajuntar o da pronunciaçaõ, deſtes dous fogos entre ſi unidos, formarſe-ha hum incendio taõ forte, que nem os olhos, nem o entendimento dos ouvintes o poderá ſupportar.

Os Oradores, que tem couſas de pouco pezo para dizer, ſaõ commummente os que declamaõ mais alto, levantando tanto mais a voz, quanto

mayor

mayor he a penuria de razões. Imaginaõ, que com huma pronunciaçaõ fogoſa haõ de dar pezo ao que o naõ tem, e preço ao que nada val: gritaõ, enfurecem-ſe, e eſte he todo o ſeu merecimento; como ſe a Arte de bem dizer foſſe arte de clamar. E diſto já ſe queixava no ſeu tempo o Orador Romano, quando dizia: Os Oradores já naõ fallaõ, ladraõ. *Latrant jam quidem Oratores, non loquuntur.*

Devendo pois ſer o fogo da pronunciaçaõ ſim ardente, mas ſereno, iſto naõ tira, que poſſa ſer mais, ou menos activo, ſegundo as occaſiões; porque neſta materia ha diverſos gráos de ſerenidade, e de fogo, que o Orador deve indiſpenſavelmente moſtrar. Mas eſta variedade taõ propria para evitar o faſtio nos ouvintes, e para lhes conſervar a attençaõ, ha de proceder do fundo do interior; e eiſaqui toda a maquina de que ſe deve valer o Orador poſto em acçaõ. Ha de primeiro ſentir o ſeu eſpirito, o meſmo que pronuncîa a ſua lingua; e ſe aſſim naõ ſucceder, ſerá fatuo todo o

fo-

fogo: de maneira, que à medida, em que elle ſe vir mais, ou menos movido, e penetrado, aſſim ſeja a ſua pronunciaçaõ mais, ou menos viva, mais, ou menos ſerena.

Eſta regra de ſe conſultar primeiro o eſpirito, para aſſim ſe ſaber o gráo de viveza, ou ſerenidade, com que ſe ha de pronunciar, até ſerve para o Orador compor a voz, de ſorte que ſeja agradavel aos ouvidos, e pareça naõ de homem ruſtico, mas de cortezaõ, como requer Quintiliano na preſente Maxima. E a razaõ he, porque o coraçaõ he a fonte dos affectos, e pronunciando-ſe como inſpirar a alma, impoſſivel ſerá que o Orador ſe faça injucundo, aſpero, e de extravagante pronunciaçaõ aos ouvidos do auditorio.

MAXIMA XXVIII.

In Oratore .... vox tragædorum, geſtus penè ſummorum actorum eſt requirendus. Cic. de Orat. l. 1.

A Pronunciaçaõ clara, expedita, e accommodada à materia, para ſer de todo energica, neceſſita muito do ſoccorro da Acçaõ, e ſem eſta he quaſi cadaver a Eloquencia do corpo. O Orador deve ſer repreſentante, mas de hum modo muito diverſo, do que tem o mero Declamador, e o affectado Comediante. Ha de imitar na voz grave, e inſinuante, e nas acções proprias, e vivas aquelles Actores, que levaõ o applauſo de todos. Por iſſo o theatro foy ſempre, e he a melhor eſcola para ſe conſeguir a Eloquencia do corpo. Quem profeſſa o nobre officio de fallar em publico aos ſabios, e de engrandecer com ſua lingua as couſas dignas de imitaçaõ, ſó lhe convêm humas acções nobres, e huns geſtos mageſto-

fos; de forte, que fe naõ proporcionar ao feu caracter eftes requifitos, reprefentará huma indecente figura: e onde poderá elle aprender ifto, fenaõ na efcola do theatro com os famofos Actores?

Igualmente convêm ao Orador humas acções vivas, e animadas; porque devendo dizer coufas grandes, e perfuafivas, convêm-lhe apparecer penetrado, e movido, para que naõ fe lhe diga, o que dizia Cicero a hum Orador, cujas acções naõ concordavaõ com o que pronunciava: Se o que dizes foffe verdade, dillohias do modo com que o dizes? *An ifte, fi vera effent, fic à te dicerentur?* Mas nefte ponto he precifo advertir ao Orador, que ponha efpecial cuidado em naõ ufar de certas acções affectadas, violentas, e furiofas, equivocando-as com as naturaes, animadas, e vivas. Bem fabe quem nos ler, quanto entre nós he vulgar efta equivocaçaõ.

Naõ fe deve pôr menos eftudo em fugir de moftrar hum gefto demafiadamente compaffado, e medido; por-

porque além de ſer indecoroſa ao Orador toda a affectaçaõ, entra o auditorio a perſuadirſe, que mais lhe querem liſonjear os ſentidos, do que perſuadir verdades. Deſte geſto vicioſo, de que tratamos, naſce outra affectaçaõ, a que chama Cicero *Argutiæ digitorum*, iſto he, quererſe com as mãos como pintar tudo quanto ſe diz. Eſtas delicadezas puerís poderáõ, quando muito, pertencer ao Comediante, mas nunca ao Orador, que deve lembrarſe da gravidade do ſeu caracter, que naõ he imitar, e fingir ſer outro, como pretende o repreſentante de theatro.

Ha de accionar com viveza, compoſtura, e graça, mas ſobre tudo com variedade, accommodando as acções à materia, e ſempre com hum ar natural, que nada reſpire de affectaçaõ. Por acções naõ tenho ſó as que ſe fazem com as mãos; tambem a mudança de ſemblante, o diverſo movimento dos olhos, e ainda hum breve ſilencio, ſaõ acções, e certamente as mais vivas, e cheyas de energia. Em huma palavra, a acçaõ que ſe julgar

a mais decente na occasiaõ, essa he a que se ha de fazer; porque só essa he que ha de agradar.

Observe o Orador o que vê fazer a outros, que saõ louvados nesta Eloquencia do corpo; porém naõ os imite tanto à risca; porque naõ se segue, que lhe convenha tudo, o que convêm a outros. He sentença de Quintiliano: *Cùm præcipue in actione spectetur decorum, sæpe aliud alios decere.* A's vezes, seguindo as regras da Arte, fará o Orador huma cousa, que de nenhum modo lhe convenha, ao mesmo tempo, que convirá a outro, ainda que obre contra as regras. Nisto ha huma certa razaõ occulta, e que naõ se póde explicar, a qual faz, com que em huns tudo pareça bem, até os mesmos defeitos, e em outros nada tenha graça, nem ainda as mesmas bellezas da mais fina Eloquencia. Tambem he sentença do mesmo Mestre, que deixamos allegado. *Est enim quædam* latens ratio, & enarrabilis, *in quibusdam virtutes non habent gratiam, in quibusdam vitia ipsa delectant.*

Cicero exprimindo o caracter das ac-

acções de hum dos mais famoſos Oradores de Roma, diz, que o ſeu geſto naõ expreſſava bem as ſuas palavras, mas que convinha aos ſeus ſentimentos, e conceitos. A voz era firme, mas naturalmente rouca; e eſte defeito, em lugar de o fazer deſagradavel, lhe dava graça, ſabendo converter hum vicio em virtude. *Vox permanens, verùm ſubrauca; ſed hoc vitium huic uni in bonum convertebat.* Donde ſe ſegue, que fará o noſſo Orador o meſmo prodigio, (quando tenha algum leve defeito natural) ſe ſouber com o ſoccorro da arte, e muito mais da natureza, encobrir a tal falta com huma certa graça, que nós naõ lhe ſabemos explicar, e ſó elle poderá deſcobrir com huma continua applicaçaõ (qual a de Demoſthenes) obſervando a natureza.

Deſte grande Orador ſabemos, que tanta era ſua diligencia na compoſtura, e energia de acções, que até eſtudava longo tempo por hum eſpelho. Por elle emendou alguns defeitos no corpo, e ſe exercitou em geſtos convenientes ao ſeu caracter. Naõ

ha

ha duvida, que o eſpelho he hum fiel pintor; mas he mudo: repreſenta, mas naõ diz palavra. Se o noſſo Orador ſe vir nelle, póde ſer que tenha por conveniente hum certo geſto, huma certa poſtura, e movimento de corpo, e que com muita facilidade ſe deixe enganar. Por iſſo naõ lhe recommendára eſte meyo, ſe elle tiveſſe hum amigo intelligente, e ſincero, que quando elle oraſſe, o aviſaſſe dos defeitos, em que cahira, ou na deſcompoſtura da voz, ou na affectaçaõ do geſto, ou na impropriedade das acções.

MAXIMA XXIX.

Memoriam quidam Naturæ modò eſſe munus exiſtimaverunt: eſtque in eâ non dubie plurimum, ſed ipſa excolendo, ſicut alia omnia, augetur. Quintil. l. 11. c. 2.

TEr huma memoria feliz depende muito da natureza, mas tambem muito do exercicio; pois que ella naõ

naõ conſiſte ſenaõ na facilidade, com que renova os veſtigios dos objectos, que em nós ſe imprimiraõ. Donde ſe ſegue, que naõ terá boa memoria aquelle, cujo cerebro naõ for accommodado para receber os veſtigios das couſas, e para os conſervar. Eiſaqui como para eſta potencia concorre a natureza: porém para a ſua felicidade naõ deve ella menos ao exercicio. Qualquer couſa facilmente ſe dobra por aquella parte, por onde ſe coſtuma dobrar; do meſmo modo o noſſo cerebro (digamos aſſim) endurece-ſe, e faz-ſe incapaz para a memoria, ſe naõ ſe previne eſta dureza, repetindo a miudo o que ſe aprendeo, e cuidando todos os dias em aprender alguma couſa de novo.

Por iſſo he neceſſario ao Orador cultivar bem a ſua memoria com o exercicio, enriquecendo-a de termos proprios, e fazendo, que o enlaçamento das imagens das couſas, e dos ſeus nomes ſeja taõ eſtreito, que as imagens, e as expreſsões andem ſempre de companhia. Hum Author judicioſo comparou a Memoria a huma

Im-

Impreſſaõ. Hum Impreſſor que (por exemplo) tem ſó caracteres gothicos, todo o livro que tiver , ha de imprimir neſta caſta de letra. O meſmo ſe deve dizer daquelles , que ſó tem a memoria cheya de palavras improprias : vaõ a compor , e preciſamente haõ de veſtir , como à Gothica , os ſeus penſamentos, e expreſsões.

Eiſaqui a razaõ , porque as peſſoas de qualidade commummente fallaõ bem : vivem , ou converſaõ com homens polidos em eſtudos , que cuidaõ muito em naõ dizer palavra, ou modo de fallar , eſtranhado pelo bom uſo. Ora o meſmo ſuccede aos que lem por bons livros : como à ſua memoria naõ apreſentaõ , ſenaõ termos puros , por conſequencia haõ de fallar bem. Já ſe ſabe , que niſto deve haver huma limitaçaõ, e vem a ſer , que eſtes bons livros ſe haõ de ler com cautela; porque ſeus Authores viveraõ em diverſos ſeculos , e cada ſeculo quaſi que tem ſua lingua. Se o noſſo Orador ſeguir a eſtes Meſtres ſem diſcernimento , e reflexaõ, apparecerá com hum eſtylo extravagante, fallando hu-

ma lingua, em que dará largo aſſumpto à juſta cenſura do auditorio.

Porque Eraſmo naõ teve eſta eſcolha, por iſſo he muy bem reprehendido: foy homem de huma liçaõ immenſa, e conſervava em ſua memoria a mayor parte das expreſsões, que tinha lido. Daqui veyo eſcrever com hum eſtylo mixto, amaſſando palavras, e modos de fallar dos bons ſeculos com outros, que ſó appareceraõ em idades corruptas para a Eloquencia. Eſte he o juizo, que muitos fazem do eſtylo de Eraſmo; nós ſó delle diremos, que naõ he ſempre puro; mas que teriamos por venturoſo aquelle Orador, que o imitaſſe na linguagem.

Ultimamente, poſto que tenhamos recommendado a continua liçaõ dos bons livros, convêm advertirmos, que naõ ha de ſer com o fim de roubarmos delles as ſuas melhores fraſes, os ſeus penſamentos mais finos, e a delicada variedade dos ſeus modos de dizer. Iſto já o reprovámos em outro lugar, moſtrando ao Orador, que huns taes roubos naõ o podem enriquecer em cabedaes, antes ſempre ſe-

rá

rá tido por hum pobre entre os verdadeiros eloquentes. Só merecerá louvor (diz Seneca) ſe imitar as abelhas, que colhendo o ſuco de diverſas flores, com elle compoem o ſeu mel, licor ſimples, e que nada ſabe à ſua origem. Do meſmo modo a natureza de diverſos alimentos, que digere, fórma o ſeu quilo. Em quanto eſtes duraõ no eſtomago ſolidos, e na ſua qualidade, ſervem de pezo; mas depois que mudaõ daquillo que eraõ, paſſaõ a ſer ſangue, nutrimento, e vigor do corpo. A ſemelhança naõ póde ſer nem mais viva, nem mais verdadeira. Naõ ſe eſqueça o Orador della no ſeu eſtudo pelos bons Antigos, e Modernos.

MAXIMA XXX.

Ei , cui deerit ingenium , non magis hæc ſcripta ſunt , quàm de agrorum cultu ſterilibus terris. Quintil l. 1. in *Proœm.*

DEmos fim a eſte Tratado com hum deſengano ao Orador. Tudo quanto temos dito , ficará ſendo trabalho inutil , ſe nelle naõ houver engenho , e engenho com eſtas qualidades , que vamos a dizer. A primeira he huma capacidade , ou extenſaõ de genio , que ſaiba deſcobrir nos Aſſumptos , e com abundancia tudo o que nelles ſe poder dizer. Hum engenho limitado he incapaz de dar a hum Argumento a extenſaõ , que lhe he preciſa. A ſegunda qualidade he huma certa viveza fina , e delicada , que entrando pela materia de hum Diſcurſo , ſaiba profundalla , e (digamos aſſim) remexer todo o ſeu interior. Para iſto naõ ſaõ capazes engenhos groſſeiros ; porque eſtes apenas paſ-

paſſaõ da ſuperficie das couſas, e daõ-ſe por contentes, ſe as moſtraõ ſó por hum lado.

A terceira qualidade conſiſte no exacto regulamento em tudo aquillo, que provêm ou da imaginaçaõ, ou do engenho. Se faltar eſta circunſtancia, que he o primeiro mobil da Eloquencia, impoſſivel he, que ſe dê nem ainda mediano Orador; porque quem ſe applica à Arte de bem fallar, naõ ha de aceitar tudo quanto lhe offerecer a ſua imaginaçaõ. Ha de ſeparar o que he ouro do que he lataõ, o que he diamante, do que he brilhante falſo; nem ha de abraçar as couſas, ſegundo a grandeza das ſuas imagens. Ha de ampliar, ou reſtringir o ſeu Diſcurſo, conforme o pedir na occaſiaõ o juizo; naõ ſe ha de fiar das ſuas primeiras idéas, antes ha de fazer rigoroſo exame ſobre ſe as couſas de que trata, ſaõ na realidade taõ grandes, como a elle lhe parece; e conhecendo que o ſaõ, eſcolher entaõ aquellas expreſsões, que forem mais proprias, depois de bem viſtas à luz da razaõ, e naõ ao fogo da imaginativa;

ginativa; porque eſta he como o microſcopio, que moſtra os objectos mayores, do que elles em ſi ſaõ. Pois ſe eſtas, e outras muitas couſas, que já em diverſos lugares deſte livro deixamos notadas, deve obſervar o Orador, que aſpira à perfeita Eloquencia, bem ſe vê, que faltando-lhe em ſeus Diſcurſos eſte regulamento do juizo, naõ poderá merecer, que o ouçaõ ſem faſtio, e deſprezo.

Peſſoas ha, que poſſuem hum engenho com eſtas qualidades; mas faltalhes huma boa imaginaçaõ, e huma memoria feliz; outras pelo contrario ſaõ ricas de imaginaçaõ, e memoria, mas pobres de engenho. Ora iſto faz com que hum Orador ſe difference notavelmente de outro. O que tiver ſó engenho ſolido, e vivo, diſcorrerá ſempre ajuſtado, porque hum engenho com ſolidez, e viveza he inſeparavel do juizo. O que tiver ſó imaginaçaõ fogoſa, e ligeira, diſcorrerá com muito ruido, e pouca ſizudeza, atropellando tudo, para fazer alarde da ſua bizarria. O fogo deſtes Oradores he como o da polvora, que em hum

hum inſtante deſapparece. Fazem eſtrondo com ſua Eloquencia, mas dura muy pouco. Pelo contrario a de hum Orador de engenho com as qualidades, que deixamos apontadas, conſerva-ſe ſempre em formoſura; antes quanto mais ſe obſerva, mais admira.

Tacito fallando de hum certo Halerio, diz, que fora em vida celebrado por ſua Eloquencia; mas que ſuas obras depois da morte naõ lhe prolongaraõ a eſtimaçaõ; porque havia nelle mais fogo de fantaſia, do que regularidade de engenho. Era mais proprio para fallar de repente, do que para eſcrever obras, que ficaſſem aos vindouros: por iſſo com elle morreo a fama de ſua Eloquencia. O meſmo ſuccederá ao noſſo Orador, ou ſe nelle naõ houver engenho com as qualidades recommendadas, ou ſe o houver, o deixar abafar do fogo da imaginaçaõ. Em quanto vivo poderá agradar a alguns, attrahidos ou da viveza da pronunciaçaõ, ou da propriedade das acções, ou da gravidade do geſto; porém depois de morto, como eſtas bellezas já tambem faleceraõ,

raõ, ſerá o deſprezo de todos aquelles, que ſó eſtimaõ na Eloquencia hum engenho vaſto, delicado, judicioſo, e exacto.

Para hum deſtes he que tomamos o trabalho de fazer eſtas *Reflexões*; e como já ſabemos que nellas em muitas couſas ſeremos reos, acolhemo-nos ao meſmo aſylo de Quintiliano, dizendo com elle: *Habes quibus præcepta dicendi pro virili parte adjuvari poſſe per nos videbantur: quorum cognitio ſtudioſis juvenibus ſi non magnam utilitatem afferet, at certè, quod magis petimus, bonam voluntatem.*

F I M.